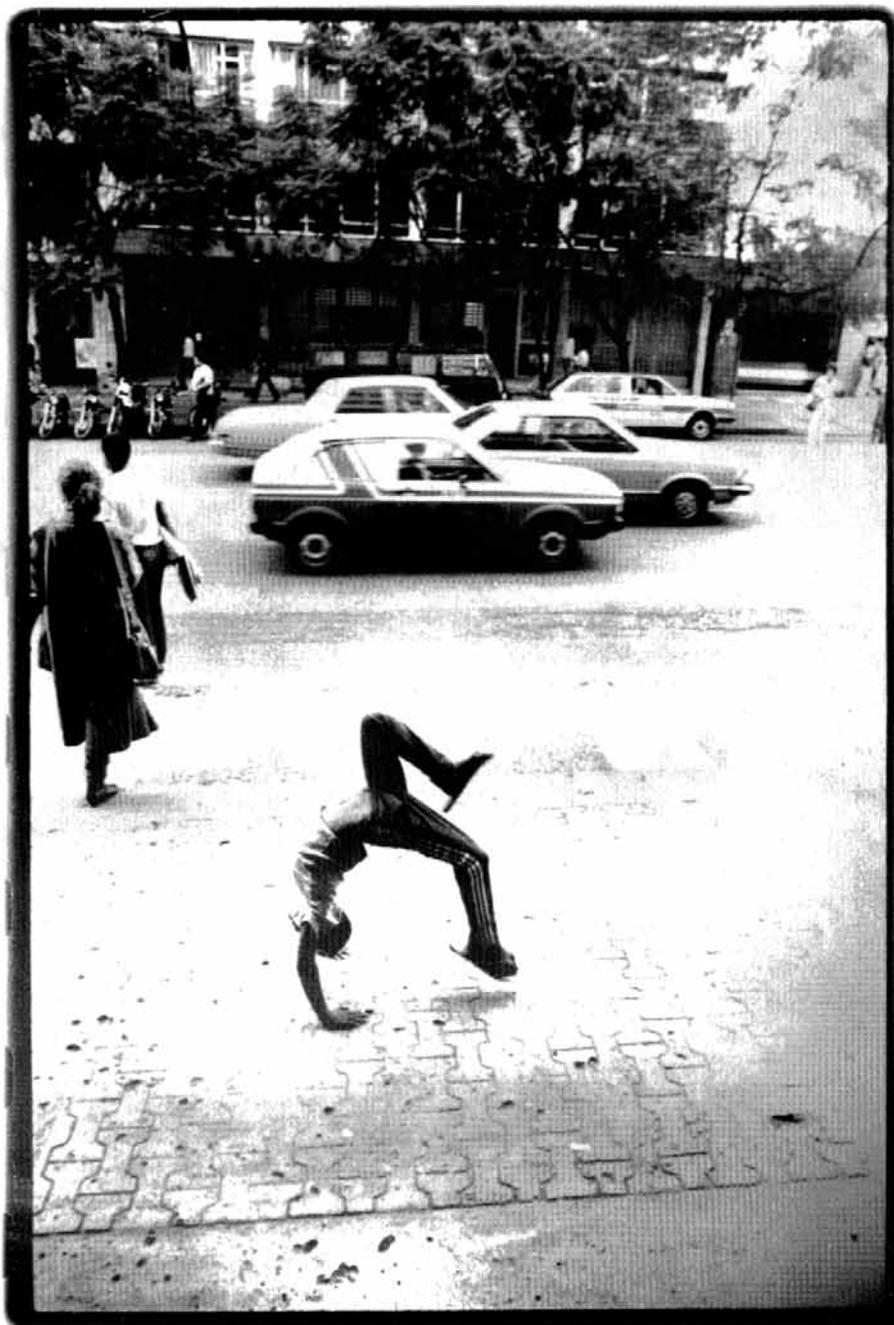


# nicolau



secretaria de estado da cultura  
imprensa oficial do paraná  
ano III - n  27

denise bottman rogerio dias  
eugenio montale aurora bernardini  
marilia guasque otavio duarte lindolf bell  
hilda hilst estela sandrini mary allegretti  
malu maranhão francesca cavalli seto  
nilson monteiro chico rezende  
domingos pellegrini vera lúcia perin  
paulo henriques britto  
eduardo nascimento roberto gomes  
wagner d'angelis benedito pires  
eliana araújo dimas floriani xiru  
leopoldo scherner wilmar nascimento  
caio fernando abreu maz  mendes  
 lvoro borges jr. s nia amorim  
hélio puglielli wilson bueno trevisan morto  
joelma breno joyce telma serur bond  
haraton maravalhas júlio c vello

Recriares constantes, **Nicolau** segue a rota da sempre impossível estrela: o salto súbito e bailarino do menino, à capa, no antológico flash-flagrante de Júlio Covello, virada e fé sobre a calçada pedestre, dá bem a medida de nossos navegares. Não é preciso dizer mais, nem tanto: aos levanos respondemos com a coragem; aos desinformados, com a massa editorial e gráfica desta edição e aos descrentes, com a cristalina autonomia e rigorosa independência com que continuamos a assinar o projeto.

Apoiados, de agora em diante, por um conselho editorial, eficaz instrumento político para que possamos ir ainda mais fundo em busca do novo, do não-tangenciado, do proscrito, do esquecido, da ousadia, da voz e das vozes silenciadas, somam-se, a partir desta edição, ao esforço **Nicolau**, o inquestionável talento de Alice Ruiz, Walmor Marcelino, Hélio de Freitas Puglielli e Milton Ivan Heller. Conosco a lavra, a lide, a messe e a sementeira; conosco, desde já, ao menos a vocação para o desassombro.

Transparentes biografias dedicadas à liberdade, vasta quilometragem comprovada na imprensa ou no poema, os integrantes de nosso recém-instalado Conselho, mais do que os que oxigenar pautas & temas, chegam para restabelecer o fluxo democrático — essência primeira do projeto **Nicolau** tal como este editor o concebeu, desde o (histórico) número zero, em julho de 1987. Guerreiros de batalhas tantas há de sempre honrar as regras do embate. E nem poderia ser diferente entre os que conosco passam a dividir a responsabilidade pela publicação: antes de mais nada e acima de tudo, o compromisso com a ética tanto quanto com a criatividade. Sendo possível a paráfrase, acresceríamos: avançar, sim, mas sem perder a ternura jamais.

Ass que concebem democracia como um projeto-de-invenção e não como plano registrado em cartório, eis aí **Nicolau**, em seu vigésimo-sétimo número. Ninguém, com olhos-de-ver, será capaz de contestar que more no vóo da ave um desenho vertiginosamente livre.

**Wilson Bueno**

P.S.: Este editor divide com os leitores de **Nicolau** a sua alegria pelo **Jaboti de Ouro** (melhor livro de poesia - 1989) conferido a Alice Ruiz, pela Câmara Brasileira do Livro.

## nicolau



capa: foto de Júlio Covello

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ  
ALVARO DIAS

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA  
RENÉ ARIEL DOTTI

SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO  
MÁRIO PEREIRA

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO  
LUIZ CARLOS BARBOSA

CURITIBA, SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO DE 1989  
ANO III — N.º 27

publicação mensal  
tiragem de 76.500 exemplares/distribuição gratuita

CONSELHO EDITORIAL: Wilson Bueno, Alice Ruiz,  
Walmor Marcelino, Hélio de Freitas Puglielli, Milton  
Ivan Heller

EDITOR  
WILSON BUENO

REDATORA  
TELMA SERUR

REVISÃO  
NOEMI PERDIGÃO  
LUCIANO GUBERT DE OLIVEIRA  
LENISE TODESCHINI

PROGRAMAÇÃO VISUAL  
NELSON BOND

ARTE-FINAL  
SERGIO MARCELO PACHECO  
MARCELO TREVISAN  
JOELMA PEREIRA TEIXEIRA

REDAÇÃO: Rua Ébano Pereira, 240  
Curitiba — Paraná — CEP 80410  
Tel (041) 225-7117 TELEX 416245

• Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

• O Conselho Editorial se reserva o direito de publicar ou não matérias não-solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução. Contribuições e sugestões de pauta deverão ser encaminhadas para o endereço do jornal.

O banquete é servido aos mecenas. Prato muito especial: a própria criação. O apetite voraz transforma arte em lucro, mas, nessa, o artista fica de fora. Enfim, o tema deste mosaico Kafkaniano, feito bem à moda brasileira.

### SEM AUTOPIEDADE

*Manuel Bandeira recebeu, certa ocasião, um ariso de crédito de tantas coisas suecas. Foi ver, eram os direitos pagos por uma rádio da Suécia na qual haviam lido um poema seu. Ponto e pausa para meditação.*

*É sabido que alguns autores (citemos Simenon, há pouco falecido, e Umberto Eco, vivo e forte) ganharam fortunas com direitos autorais. E recebiam 10%. Portanto, 10% não é pouco nem muito. É um percentual: indica uma parte de um todo. Ponto e virgula e nova pausa para meditação.*

*O faturamento bruto de uma editora é de 50% do preço de capa. Como o direito autoral é de 10% deste preço, o autor recebe 20% do faturamento bruto da editora. Qualquer Antônio Ermirio de Moraes sabe que é um bom negócio.*

*Logo, se o autor recebe pouco é porque o mercado editorial brasileiro é pauperíssimo, cultural e financeiramente. Essa é a questão.*

*Uma questão é ética. Outra é econômica. O inimigo é a pobreza econômica e cultural deste paraíso nos trópicos.*

*Finalmente: em países europeus, sempre que um livro é emprestado por uma biblioteca pública, é creditado 10% do seu preço de capa para o autor. Aqui, as bibliotecas vivem de doações e achuriam um absurdo pagar ao autor.*

*Finis Opéra: podem ligar no horário eleitoral.*

**Roberto Gomes** — escritor e editor

### TEORIA: OUTRA PRÁTICA

*Oficialmente, o tradutor tem direito a uma percentagem sobre o preço de capa do livro. Assim, se você traduzisse um best-seller, um livro que sai em várias edições, deveria ganhar um bom dinheiro. E para o tradutor com dezenas de livros traduzidos e ainda não-esgotados, os direitos autorais deveriam ser uma fonte de renda fixa. Na prática, nada disso acontece. A editora entrega o livro ao tradutor sem que seja assinado nenhum contrato, e não se fala em direitos autorais. Há editoras, mais desconfiadas, que chegam a exigir que o tradutor assine um documento dizendo que ele abre mão "voluntariamente" de seus direitos autorais em favor da editora. A única vez que recebi direitos autorais foi quando organizei e traduzi uma antologia poética para a Companhia das Letras; eles me foram oferecidos porque a própria editora reconhecia que o que me pagava era pouco pelo trabalho de tradução poética. Fora esse caso excepcional, nada.*

*Não acho que esta situação possa mudar a médio prazo, já que os editores constituem um grupo de pressão muito mais poderoso que os tradutores.*

**Paulo Henriques Britto** — tradutor

### KARMA

*A, digamos assim, questão dos direitos autorais no Brasil é semelhante à dos direitos humanos e civis, da eficiência estatal ou da organização social: o que falta é civilidade, coisa que não se consegue só com nosso desejo, mas com ação e tempo. Um processo, enfim, que eu gostaria de viver em outro tempo, outros editores e editoras, outros leitores, outro mercado e... outra vida, então?*

*Podem-se traduzir civilidade por respeito a todas as partes envolvidas em qualquer ação, seja fazer um churrasco, seja editar um livro. Mas você não faz um bom churrasco reservando só para si as carnes nobres e servindo aos convidados peito e paleta.*

*Desde que vi meu primeiro livro publicado tenho problemas com direitos autorais, basicamente porque os editores querem levar vantagem em tudo. Nos prazos, nas condições, nas percentagens, até num mísero dia financeiro: se o teu pagamento é no dia 31, te mandam uma ordem que só poderá ser resgatada no dia 3. Parecem não entender que estão lidando com matéria-prima sensível, que por isso mesmo é a matéria-prima dessa indústria e desse mercado.*

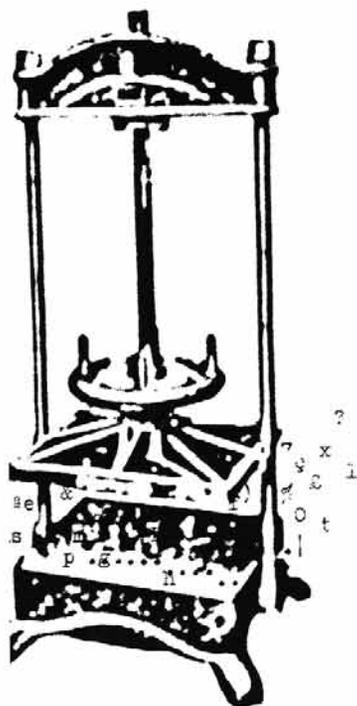
*Mas, graças a alguns autores, a situação começa a melhorar para todos, pois — por injusto que pareça — são os próprios editores que ganharão mais com a maior civilidade na questão dos direitos. Lamentem-se, ainda, o cinismo das editoras que, numa economia assim inflacionária, alegam — no tempo da informática — não poder fazer prestações de contas e pagamentos mensais ou no máximo, bimensais.*

*Considero o pagamento semestral mais que má-fé: um crime tolerado. No entanto, quando dão adiantamento, ah!, como fazem ligeirinho a correção monetária. Já me aconteceu de receber os direitos de um terço da edição e, com a correção, ficar devendo dois terços! Pena que Kafka já tenha morrido!*

*Mas é preciso ver, também, que os autores — eu inclusive — se deixam levar pelas ondas editoriais, e contribuem, com uma baixa autocrítica, para um mercado inflacionado de títulos e, portanto, de baixa rentabilidade geral para as editoras. Estas, no entanto, de modo geral, ainda pecam por um baixo nível crítico e de exigência editorial.*

*Escrever e editar, aqui entre nós, será karma?*

**Domingos Pellegrini** — escritor



## REPRODUÇÃO/TRAIÇÃO

Neste país, o direito do autor nem sempre é respeitado. Com os artistas plásticos a coisa não é diferente. É preciso que haja consciência profissional, por parte dos trabalhadores das artes, de que sua produção é fruto de seu trabalho e criação, não podendo seu uso e reprodução serem feitos sem sua autorização, o que conta com amparo legal.

Ao proprietário de uma obra de arte, seja quem for, não cabe o direito de reproduzir ou publicar tal obra; esse direito é único e exclusivo do artista.

A nova Constituição deixa claro em seu artigo 5., inciso XXVII, dos direitos autorais, que: aos autores pertence o direito exclusivo de utilização e reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar.

Para que a lei seja cumprida é preciso acreditar na responsabilidade e no bom senso dos proprietários de obras de arte: colecionadores, galeristas e administradores culturais, que nem sempre respeitam o direito do autor e se apropriam indevidamente de suas obras, as veiculam e as publicam nos mais diversos meios, sem a mínima consulta ao artista ou a seus herdeiros. A simples citação do autor da obra não traduz concessão de direitos.

Precisamos trabalhar duro, e juntos, para que possamos ver nossos direitos respeitados, tarefa que nossa Associação Classista poderia encarar.

Eduardo Nascimento — artista plástico

## AOS MECENAS, OS FRUTOS

A matéria que trata o direito e a legislação autoral é relativamente nova no mundo, possuindo apenas três séculos de existência.

A preocupação de se proteger a criação do espírito e da inteligência humana, a despeito de obras imortais existirem bem antes, só começa com o advento da imprensa, que veio criar uma forma de reproduzir manuscritos que poderiam fugir ao controle do autor. Com a imprensa, desenvolveu-se a indústria editorial, surgindo a figura do mecenas (editor), que recebia o fruto do trabalho do autor. Ao autor (artista) cabia, então, a glória!

A primeira legislação de direito autoral foi a da Grã-Bretanha, de 1710; a ela seguiram-se a da Dinamarca, em 1741 e a da França, em 1793, na qual se inspiraram as legislações dos demais países. Na América Latina, a primeira lei a dar proteção aos artistas foi a do México, no Código Civil de 1928.

O Brasil, durante o período colonial, subordinava-se à legislação portuguesa, que datava de 1838. Quando da independência, as Cortes Constitucionais de 1934, 1936, 1967, 1969 e 1988 consideraram expressamente o direito do autor. A lei que vigora ainda hoje é de 1973, lei n. 5988.

Esse breve relato sobre o direito autoral não é uma mera compilação, mas um conjunto de informações para que se possa situar e avaliar o estágio atual dos direitos autorais no Brasil.

Em um país cuja cultura está longe de ser preservada como um valor, um bem maior, não se pode esperar que a situação do autor seja adequada. Assim como o sistema é emperado, também o é a máquina responsável pelo cumprimento da lei e preservação do direito do autor. Em São Paulo, o jornal Folha de S. Paulo, há poucos dias, publicou matéria onde alguns produtores abriram "guerra contra o Ecad" (Escritório Central de Arrecadação, entidade subordinada do CND — Conselho Nacional de Direito Autoral), alegando que os valores arrecadados não chegam ao seu destino.

Existem alternativas dentro da própria lei 5988/73, artigo 104, parágrafo único, esclarecendo que o autor pode receber diretamente daquele que deve pagar seus direitos, sem a intermediação do Ecad, devendo procurar esclarecimentos com profissional da área para consulta.

O Ecad não é responsável apenas pelo recebimento dos direitos autorais, mas também pela fiscalização do uso e reprodução da obra. Também nesse âmbito não existe um órgão que corresponda ao desejável.

Assim, o artista tem problemas para receber seu dinheiro da entidade que existe para protegê-lo, e não tem como exigir o cumprimento das suas atribuições.

A situação do autor ainda é a mesma do início da história: mudaram os mecenas, mas, ainda, só lhes resta "a glória!"

Vera Lúcia Perlin — advogada

foto: haratori maravalhas



mirante

Wagner D'angelis

## DIREITOS HUMANOS JÁ

Os direitos humanos representam o corolário e — ao mesmo tempo — a esperança de paz e justiça à humanidade. Grosso modo, e enquanto produto histórico, podemos afirmar que tais direitos se caracterizam como uma ampla e sempre inconclusa tomada de consciência dos homens e mulheres ante situações de injustiça. Patrimônio comum da espécie humana, eles são uma constante proposta e exigência de uma nova ordem, a partir de realidades concretas.

Muito embora internacionalmente venha se progredindo no sentido do respeito e da proteção aos direitos humanos, sem dúvida ainda é muito grande o número de pessoas para as quais esses direitos não passam de abstrações ou aspirações inatingíveis, solenemente proclamados em Declarações e Tratados, ou mesmo inseridos em Constituições, mas sem qualquer possibilidade de realização.

Na realidade brasileira, essa dicotomia entre a teoria e a prática dos direitos humanos é facilmente perceptível. Afinal, os novos direitos e remédios jurídicos estampados na atual Constituição brasileira poucas vantagens podem trazer à população carente, num país com alto índice de subnutrição e analfabetismo, e onde o pobre tem medo até de ser testemunha. Nesse particular, cabe aqui uma imediata ilação: sendo indivisíveis os direitos e as liberdades fundamentais, o gozo completo dos direitos civis e políticos festejados nesta chamada fase de "transição" que vivemos — é impossível sem o gozo dos direitos econômicos, sociais e culturais, os quais pressupõem uma política racional e eficaz de desenvolvimento para todos, e não somente para uma minoria.

Como imaginar a aplicabilidade dos direitos humanos num contexto econômico extremamente desigual? Paradoxalmente, somos a oitava economia do mundo e concomitantemente ocupamos o 57º lugar em "desenvolvimento social" (leia-se: saúde, educação, saneamento básico, habitação, transporte, cultura e outros aspectos), segundo dados da Unesco. E as consequências não poderiam ser outras: apenas 1% da população economicamente ativa detém 17% da renda nacional, os 10% mais ricos, quase 50% dela, enquanto 70% ganha menos de 2,5 salários mínimos.

Como é possível falar em equidade da lei e proteção constitucional quando a realidade demonstra que a justiça não é igual para todos? Ora, a ela só têm acesso os que dispõem de recursos para movimentar seus processos. E as questões diminutas, que são as questões dos pobres, não conseguem penetrar, ou penetram sem maiores chances, as portas herméticas e caras da justiça comum.

Por outro lado, não só as causas dos pobres são tratadas sem a devida atenção; eles sofrem, perante a polícia e o aparelho de repressão ao crime, bem como perante certas esferas da administração pública, uma odiosa discriminação econômica, irmã gêmea da discriminação racial e social. Além disso, a tortura é prática generalizada nas delegacias de polícia em todo o país. E mais, prisões arbitrárias, invasões de domicílio, blitz indiscriminadas ("bati-das" ou "operações pente fino") revelam um estado de desrespeito aos direitos humanos, especialmente contra os indivíduos pobres e de cor.

Diante desse quadro, não bastam denúncias, assistência jurídica e reivindicações populares. O respeito aos direitos humanos implica, primeiramente, o interesse de cada um pelos seus próprios direitos. E o entendimento, pela população, de que a ofensa ao direito de qualquer pessoa que não receba imediata punição tende a enfraquecer todo o conjunto de regras de direito.

Tudo isso supõe a difusão de tais conceitos, a politização e a participação do conjunto da sociedade, num processo cujo coramento vem a ser a construção coletiva da concepção de direitos humanos. Nesse sentido, profundamente valioso é o desencadear de uma ação sistemática e permanente destinada a educar para os direitos humanos, objetivando a consolidação da justiça social — sinônimo da eficácia de tais direitos.

WAGNER D'ANGELIS é advogado, historiador, pós-graduado em Direito Internacional Público e presidente do Centro Heleno Fragoço pelos Direitos Humanos.

# Mary Allegretti: em defesa dos povos da floresta

Deixar o emprego na universidade e se embrenhar pelo mato. Viver a violência da Amazônia, a luta dos seringueiros contra a escravidão, a ignorância, a devastação e as queimadas na floresta. Maluca? O tempo provou que Mary Allegretti estava certa. Nessa trilha, vieram amigos importantes, como Chico Mendes. Marginais que se tornam vanguarda para o mundo. Contam sua história com sangue.

entrevista a Malu Maranhão

O produtor de cinema inglês David Puttnam falou um dia para a antropóloga Mary Helena Allegretti: *a tua vida daria um filme*. Mary (pronuncia-se *Mari*) concordou, ao lembrar que há 12 anos está envolvida no trabalho junto ao movimento de seringueiros, no Acre e no resto da Amazônia.

A antropóloga, que no momento encontrava-se nos Estados Unidos onde foi receber o prêmio conferido anualmente pela *The Better World Society* (o mesmo que já havia sido concedido a Chico Mendes e ao líder indígena Paulo Payakan pelo seu trabalho), transformou sua tese de mestrado na **Poronga**, a cartilha de alfabetização usada nas escolas dos seringueiros no meio da floresta amazônica.

Constituindo, com um grupo de economistas, antropólogos e sociólogos, o IEA — Instituto de Estudos Amazônicos —, com sede em Curitiba, vem desenvolvendo um trabalho de assessoramento ao Conselho Nacional dos Seringueiros, especialmente na questão das reservas extrativistas. Agora, observa, o IEA entra numa outra fase: *Não precisamos mais ser porta-vozes dos seringueiros, que podem andar com suas próprias pernas. O que queremos, agora, é colocar as propostas que temos para o resto da Amazônia*.

Amiga de Chico Mendes desde que chegou ao Acre, em 1977, Mary acha que só depois da morte do líder seringueiro o Brasil tomou conhecimento dos problemas da Amazônia, que o mundo já conhecia há muito tempo.

*A correlação de forças, porém, ainda não mudou. As queimadas e os assassinatos continuam*, alerta. Nesta entrevista a Nicolau, Mary Allegretti fala sobre sua vida, seu trabalho e o que pode ocorrer se a questão da Amazônia não for tratada com mais seriedade pelo próximo governo.

**Nicolau** — *Mary, eu queria que você começasse contando como se envolveu nesse trabalho com os seringueiros.*

**Mary Allegretti** — *Eu acho que é uma trajetória até estranha porque eu jamais poderia imaginar que iria viver uma situação como esta que estou vivendo: me envolver com um grupo tão peculiar como o dos seringueiros, de uma maneira tão profunda. O meu interesse sempre foi intelectual e político, mas de uma maneira não-ortodoxa, porque sempre tive muitas dúvidas em relação ao real papel do intelectual na sociedade e esta foi uma discussão de minha geração na universidade. Principalmente quando eu estava fazendo o mestrado na Universidade de Brasília, em 1976-77. A discussão passava pelo fato de que estávamos na universidade financiados pela sociedade, através de bolsas, elaborando teses. Mas a quem elas serviriam? Éramos um grupo de sociólogos, antropólogos e jornalistas e chegamos até a conversar com o Cimi (Conselho Indígenista Missionário) e com a CNBB para dar um sentido ao nosso trabalho. Afinal, desse grupo a única que teve a oportunidade de realizar isto foi eu, porque decidi fazer um trabalho de campo, longe do meu cotidiano.*

*A partir disso, resolvi ir para a Amazônia, para ver até que ponto eu poderia interferir na mudança da sociedade. Foi para o Acre e o início da pesquisa já foi fora do projeto, porque segui o Terri Valle de Aquino, da Comissão Pró-Índio, para a área dele. Ele me deixou para conhecer um seringal (Alagoas) com uma fama muito grande de violência, para voltar dali a um mês. Acabou sendo a experiência mais forte de minha vida porque se eu não tivesse ficado lá, não teria entendido nada. Era um seringal naquele esquema de quase escravidão e isso me marcou de uma tal forma pela injustiça e porque percebi que o que era para mim um instrumento mais elementar — saber ler e contar —, poderia ser, para os seringueiros, um instrumento de liberdade. O analfabetismo é uma forma de manter a escravidão porque toda a contabilidade do seringal, e as pessoas não entendem, é um mistério. Naquela época as pessoas faziam fila diante do meu quarto para eu ler as contas, e me atribuíam o papel de fiscal. Eu saí de lá com a ideia de criar uma escola.*

## o analfabetismo é uma forma de manter a escravidão.

**Nicolau** — *Em que época foi isso?*

**Mary Allegretti** — *Em 1978. Eu saí de lá com a convicção de que se fosse para fazer alguma coisa não seria a tese, mas uma escola. Eu fiz o mestrado, voltei para a Universidade Federal do Paraná e queria tocar o projeto, mas a UFPR não me liberou. Fiquei parada aqui dois anos, mas nesse meio-tempo organizei com a equipe do Cedi (Centro Ecuemênico de Documentação e Informação) de São Paulo, a **Poronga**, uma cartilha baseada no método Paulo Freire para os seringueiros. Poronga é a lamparina que eles usam na cabeça para tirar o látex à noite. As pessoas se dispuseram a fazê-la num trabalho voluntário que ficou excelente. Durante um semestre inteiro elaboramos tudo: a cartilha de alfabetização, a de matemática, a do monitor. Foi uma época muito difícil, porque eu dava aulas aqui, ia todo o fim de semana para São Paulo, depois para o Acre e acabei com estafa e hipoglicemia. Ninguém tinha salário e as condições eram precárias.*

Juntamos uma equipe de três pessoas — o Ronaldo de Oliveira, Marlete de Oliveira e eu — e tocamos o Projeto Seringueiro. No seringal Alagoas, que eu tinha visitado primeiro, não foi possível desenvolver o trabalho, porque o patrão impedia que a gente entrasse. Então, optamos pela região de Xapuri, justamente onde estava o Chico Mendes, que de tudo o mais, com a implantação da primeira escola, eu tive que tomar uma decisão: abandonar a UFPR, sem emprego nem salário.

**Nicolau** — *Você deixou uma carreira universitária...*

**Mary Allegretti** — *Deixei e estive como professora-assistente 4, com um mestrado concluído e pronto para fazer um doutorado no exterior. Foi difícil porque eu não conseguia no início mostrar para as pessoas que havia realidade no que eu estava fazendo, uma vez que ninguém conhecia os seringueiros. Eu falava sobre os conflitos, "os empates" — coisas que hoje todo o mundo conhece —, e para mim aquilo soava bastante absurdo. Estava-se vivendo uma guerra civil na Amazônia*

Fonte: arquivo "O Estado do Paraná"



Mary Allegretti: guerrilha, guerrilheira, uma voz em permanente alerta contra os desmandos na floresta.

Amazônia e as pessoas não tinham a menor ideia. Hoje é mais fácil porque falar de queimadas, devastação, "empates", já é parte do cotidiano, mas naquela época não, todo mundo achava que eu estava maluca.

## sempre gostei muito dos seringueiros, me apaixonei por eles

**Nicolau** — *Para você, até que ponto in o trabalho profissional e começou a envolvimento pessoal?*

**Mary Allegretti** — *Isto para mim era sempre uma discussão. Eu sempre fui muito crítica à forma com que a esquerda tratava seus projetos de intervenção e transformação. Havia uma tendência a se transmutar no operário, no camponês, à qual eu era contrária. Para mim, a gente tinha que ser o profissional, embora comprometido com os objetivos. Para mim a coisa ficou muito clara neste sentido: eu estive aqui porque não sou daqui. É porque eu tinha uma vida, que eu podia*

estar lá. Era pela diferença. Eu estava lá pela diferença até de classe, porque eu acho que isso tem que ser assumido. Eu tinha um filho e o seu sustento foi bancado pela minha família, que tinha recursos para isso. Pessoalmente, também, porque para mim era um desafio. Eu sempre gostei muito dos seringueiros, me apaixonei por eles como pessoas e pela floresta como espaço. Describi os seringueiros e fiquei fascinada por aquelas figuras simples, com cabeças muito inteligentes, perdidas no meio do mato. Eu ia para a Amazônia porque, pessoalmente, eu adorava ir, e essas coisas todas se combinavam. Para mim também era um conflito trabalhar num lugar que não fazia sentido com a minha concepção política, com as minhas inquietações intelectuais, porque eu não queria ficar dividida. O Projeto Seringueiro para mim foi um rompimento com a forma tradicional de se localizar no mundo.

**Nicolau** — *Gostaria que você situasse melhor o seu trabalho nesta época.*

**Mary Allegretti** — *Nós começamos um trabalho de organização política com as lideranças sindicais, com Chico Mendes, Raimundo de Barros, Júlio Barbosa,*

Começamos inclusive uma ligação de muita amizade. Eu dava aulas na escola do Seringal Nazaré, na "colocação" (espaço ocupado por uma ou mais famílias de seringueiros) Já-com-Fome. Nesta altura nós já tínhamos um apoio da Oxfam (entidade inglesa que patrocina projetos educacionais) para tocar o projeto e estávamos organizando uma cooperativa. A escola também passou a ser uma forma de fortalecer o sindicato. A escola era uma coisa tão nova que, inclusive, o exercício foi até a área, porque na cabeça deles era o começo de uma guerrilha na Amazônia. A partir daí, o Chico Mendes, que já tinha uma carreira como sindicalista, começou a ampliar seu horizonte, ter contato com novas pessoas.

## estava-se vivendo uma guerra civil na Amazônia

**Nicolau** — Até quando você continuou participando do Projeto Seringueiro?

**Mary Allegretti** — Em 1983 eu me afastei um pouco, fui dar aula na Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá. Nesta época houve um problema porque esta experiência da escola e cooperativa, que nós imaginávamos que seria espalhada para outros seringais, acabou não sendo. Era uma experiência muito especial e localizada, e os demais começaram a reclamar disso. Na verdade, nós precisaríamos de mais material, mais recursos para fazer isso. Havia duas ou três escolas num projeto-piloto. Outra diferenciação não-prevista foi em relação aos monitores. Nós achávamos que durante uma parte do dia eles trabalhariam como monitores e o resto como seringueiros, mas não foi isso que aconteceu. Eu defendia que deveríamos generalizar a experiência, outras pessoas achavam que ela ainda não estava madura. Resolvi dar um tempo e fui para Mato Grosso. Achava que só havia duas saídas: institucionalizar o trabalho criando uma instituição para desenvolvê-lo, ou voltar para o Paraná.

**Nicolau** — Como foi criado o Conselho Nacional dos Seringueiros?

**Mary Allegretti** — Quando começou a transição política com o Tancredo Neves eu fui para Brasília, porque a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) havia sido convidada por ele para delinear um programa para a questão indígena. Foi nesse contexto, em 1985, que surgiu a ideia de chamar os seringueiros para Brasília para fazer o Encontro Nacional de Seringueiros, baseado no fato de que ninguém os conhecia e teríamos que trazê-los para o centro de poder para que pudessem falar. A Pró-Memória topou a ideia e o Encontro aconteceu. Até o momento do Encontro, a verdade era que os seringueiros não tinham alternativa econômica. Foi então que surgiu, deles mesmos, a proposta da reserva extrativista.

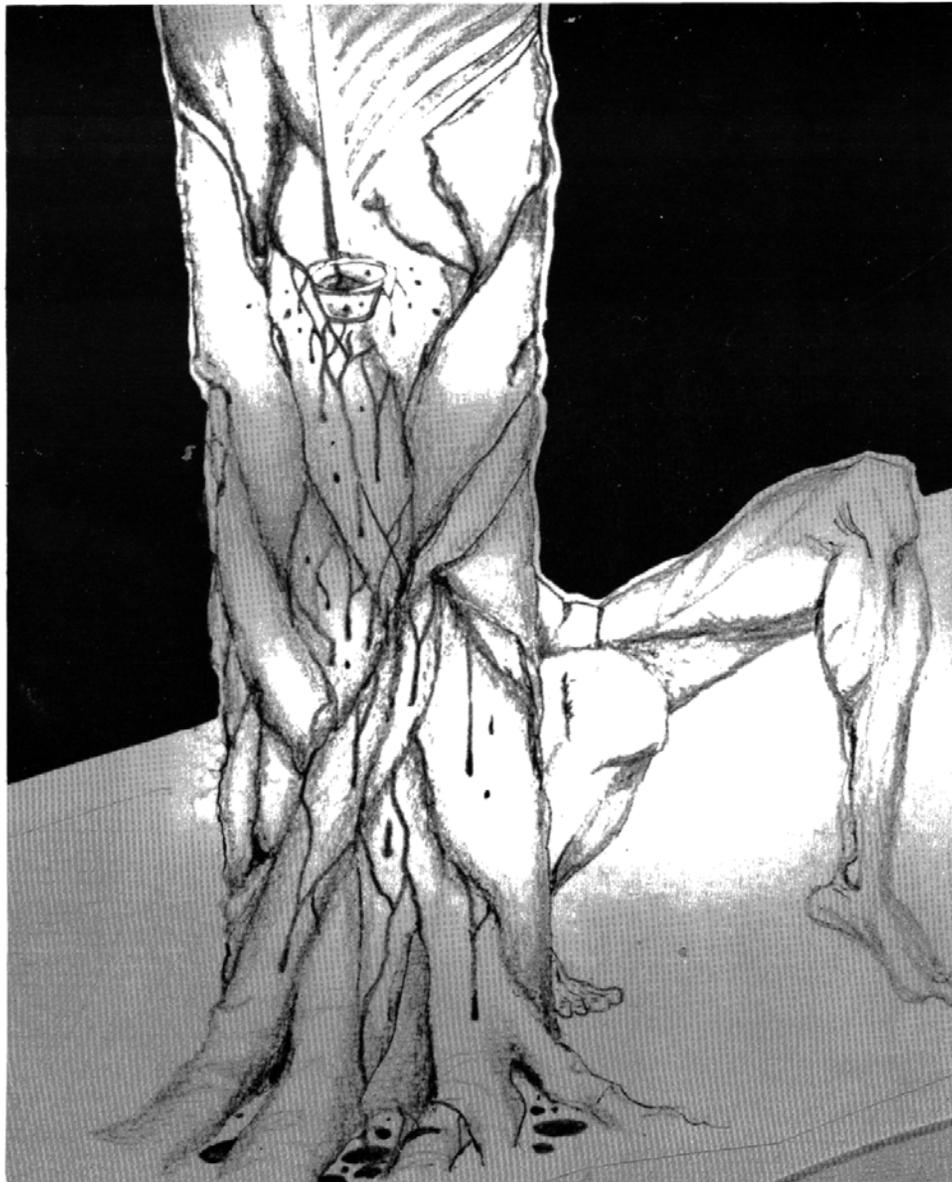
**Nicolau** — Você poderia definir esta proposta?

**Mary Allegretti** — No fundo, é a possibilidade dos seringueiros se inserirem na estrutura econômica regional de uma maneira nova, garantindo sua reprodução como categoria, talvez não como seringueiro, mas como trabalhador florestal.

## o IEA foi criado numa situação de exílio

**Nicolau** — Gostariamos que você falasse sobre a criação do Instituto de Estudos Amazônicos.

**Mary Allegretti** — O IEA foi criado numa situação de exílio. Depois do Encontro Nacional dos Seringueiros colocou-se o mesmo impasse de como dar continuidade ao trabalho. Não havia nenhuma instituição pública que encaminhasse o trabalho dos seringueiros e o único caminho foi criar uma instituição para isso. E ela tinha que ser criada fora da Amazônia, caso contrário, passaria despercebida como a própria luta



dos seringueiros. Éramos um pequeno grupo de pessoas que resolveu ir até às últimas conseqüências neste trabalho e somente com cinco mil dólares para começar. Nós nunca tivemos muito dinheiro e as coisas que conseguimos foi porque os recursos foram, e são, bem administrados. Só para dar um exemplo: desde o assassinato do Chico Mendes até agora, o IEA não recebeu nenhum recurso extra. Naquela época tínhamos um projeto com a Fundação Ford mantendo a equipe e o trabalho.

**Nicolau** — Como está o IEA agora?

**Mary Allegretti** — Nós estamos com uma redefinição de objetivos, porque muitas das coisas que o IEA fazia, hoje não tem mais necessidade de fazer. Por exemplo, agitar a imprensa, fazer um lobby no Congresso junto aos órgãos públicos. Hoje existe uma avalanche de pessoas e instituições que querem participar e ajudar. O papel de assessoria direta também não tem necessidade, porque as lideranças viajaram pelo mundo inteiro e têm seus próprios projetos. E preciso, no entanto, assessorar o Conselho na implantação de reservas em outros lugares que não o Acre, mas no resto da Amazônia.

## floresta em pé tem muito mais valor do que derrubada

Estamos agora com duas áreas de trabalho bem definidas, Amapá e Rondônia. Eu acho que daqui para frente o IEA pode ter voz própria e começar a falar das propostas que temos para o resto da Amazônia. Estamos pensando em qualificar pessoas para que ajudem na implantação das reservas. Precisamos formar muitos assessores. Estamos nos preparando para uma nova etapa e meu trabalho principal é escrever. Estou fazendo contatos com algumas editoras, porque esta história toda precisa ser contada. O que está me preocupando hoje é a caricatura da esquerda, a direita e os meios de comunicação estão fazendo do movimento dos seringueiros, porque ele é muito frágil. Ele é um sopro de liberdade, mas não estrutura a liberdade de ninguém, a não ser deles

mesmos. Não se pode mistificar, nem atribuir ao movimento uma função e papel que ele não tem. Ninguém pode projetar o seu projeto de liberdade em cima dos seringueiros, porque o projeto deles é muito complexo. Se as pessoas quiserem fazer alguma coisa têm que abandonar o seu projeto, incorporar o dos seringueiros e tornar realidade as reservas extrativistas na Amazônia.

**Nicolau** — Existe uma perspectiva de futuro para os seringueiros dentro das reservas extrativistas?

**Mary Allegretti** — Existe, desde que a floresta passe a ser objeto de valorização, porque como seringueiro só não tem. A reserva extrativista é que recoloca a possibilidade do seringueiro continuar existindo porque daí o seu saber acumulado é importante. É um momento extremamente rico que está sendo vivido, porque existe uma população absolutamente marginal que de repente aparece como a vanguarda de todas as transformações que estão ocorrendo hoje no mundo.

**Nicolau** — A morte de Chico Mendes foi um marco, no sentido de que as pessoas passaram a se interessar e a discutir a questão da Amazônia. Como



*"Se a questão da Amazônia não for tratada com a seriedade que merece, no próximo governo, o Brasil pagará um alto preço pela indiferença".*

## a força do Chico foi capaz de mobilizar o mundo

*o quê acha que vai ficar a situação de agora em diante?*

**Mary Allegretti** — Acho que tem duas coisas acontecendo. Uma é que as próprias pessoas envolvidas começam a delinear uma estratégia de ação, fundamentar dados e pesquisas, compor teses que foram colocadas até apaixonadamente. Outra coisa é a atitude das elites brasileiras, de tomar um movimento como este e colocá-lo no seu "devido lugar". tipo: *vocês já tiveram espaço para falar e agora as coisas voltarão ao normal*. Eu acho que o grande trauma que a elite brasileira, intelectual inclusive, sente é o fato de não ter descoberto antes a força do movimento dos seringueiros, a força de Chico Mendes, que foi capaz de mobilizar o mundo. Todas as pessoas que arriscaram e foram lá para ver escreveram sobre isso antes da morte do Chico, mas foram poucas. Só que os grandes jornais, os grandes editores não tiram isso e agora não admitem que pessoas ignoradas pelo mundo, como os seringueiros, tenham feito coisas revolucionárias. Começa a haver agora um congelamento que para nós até é favorável. É importante que esta onda na imprensa acabe, mesmo porque ela não trouxe ainda resultados na correlação de forças local.

**Nicolau** — Por quê?

**Mary Allegretti** — Eu não sei precisar exatamente porquê, mas o fato é que os desmatamentos, as queimadas estão continuando. É um espaço meio de consumo simbólico, porque as pessoas ficam lendo denúncias e reportagens e se satisfazem com isso. As pessoas que tomaram consciência da questão da Amazônia nas áreas urbanas não estão interferindo nos mecanismos de poder. Ou canalizamos toda essa consciência para uma pressão, para que as coisas mudem lá, ou nos fortalecemos lá para receber toda essa pressão. O papel da imprensa é muito importante, mas, daqui para frente, precisamos baixar a onda, caso contrário não vamos demonstrar nossas idéias e nem ter condições de canalizar o movimento que se fez para ter um efeito real sobre as regiões e as populações.

**Nicolau** — Como está a questão do processo dos assassinos de Chico Mendes? O julgamento deve sair logo?

**Mary Allegretti** — Tem sido muito difícil e delicado o acompanhamento desse inquérito, porque ele está fechado com algumas pessoas e eu não tenho condições de falar à vontade. Quem está centralizando o inquérito são os advogados da CUT e ninguém — Conselho dos Seringueiros, família, pessoas mais próximas — tem condição de saber. O que nós estamos tentando fazer é ir adiante nas investigações. Estamos buscando a identificação do inquérito complementar que pretende chegar nos mandantes. E não existe data marcada para o julgamento.

**Nicolau** — Você falou que a correlação de forças não mudou. Como está a situação, hoje, na Amazônia?

**Mary Allegretti** — Acho que a expressão mais clara da correlação de forças, hoje, é o que está acontecendo com o Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente). O Fernando César Mesquita está surpreendendo, porque ele está assumindo certas decisões e certos riscos, como a defesa dos "empates" com os seringueiros. O Ibama, porém, não tem gente, não tem estrutura, não tem dinheiro, nem existe enquanto instituição. O que adianta o presidente do órgão de meio ambiente do Brasil apoiar o "empate" dos seringueiros se ele não pode fazer mais nada do que isto? As queimadas estão ocorrendo, mas não tem quem vá fiscalizar. Os seringueiros fazem os "empates", mas também não podem controlar outras áreas. A correlação de forças, então, é absolutamente caótica. É possível sensibilizar a pessoa que tem o maior poder no Brasil na questão do meio ambiente, mas na prática não há condições, nem poder de enfrentamento. Esta campanha toda, por outro lado, está acirrando tanto os ânimos dos grandes especuladores de terra, dos fazendeiros, que em lugar de repensarem a sua situação, eles estão querendo, rapidamente, tirar tudo o que puderem, como se fosse o "fim de festa", porque depois podem não conseguir mais nada. É uma política de terra arrasada, para arrebanter logo com tudo. Para mim, o único equilíbrio possível, seria uma decisão governamental, e o consequente cumprimento da lei. A legislação existe, não existe poder para fazer isso.

## pensar a Amazônia: não adianta uma política de remendos

**Nicolau** — Qual deverá ser a posição do movimento ecológico em relação à Amazônia, para o novo presidente, independente de quem for eleito?

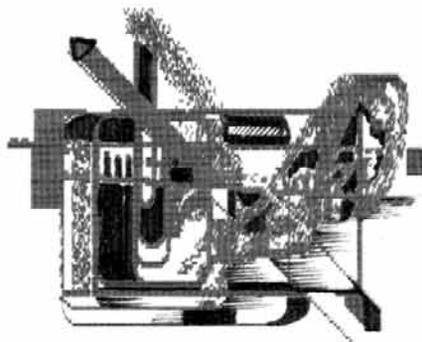
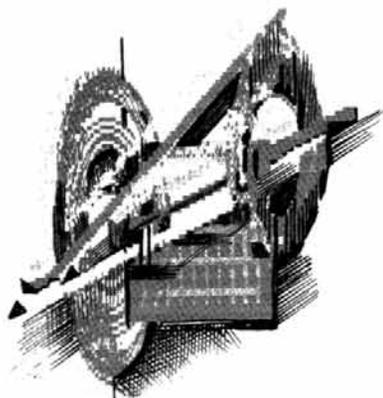
**Mary Allegretti** — Eu acho que nós precisamos cobrar dos candidatos uma posição bem clara. O que eu percebo em todos eles é que não sabem qual a política que será adotada. Existe até quem fale em colonização. Eu não sei em que momento estes candidatos vão parar para ouvir os especialistas, as lideranças, os representantes desses movimentos. Eles têm um esquema montado na cabeça, se comunicam com a população através dele e não tem quem consiga quebrar este esquema. Se não houver uma nova concepção estrutural de pensar a Amazônia, não adianta uma política de remendos. Como a linguagem capitalista é a única que existe no Brasil para comunicar uma idéia, a gente tem que mostrar que a floresta em pé tem muito mais valor do que a floresta derrubada, e é preciso incentivar os que desejam fazer isso, para potencializar o uso desses produtos.

MALU MARANHÃO é jornalista e repórter especial da Folha de Londrina.

Um poema assim:

pele neve, boca de rubis.  
Almíscar, incenso e sangue nas cabeças.  
O que não é dito se toca.  
As palavras, pensaremos  
depois desse calor. Roma, Babilônia, Tebas e  
Sodoma.  
Os sentidos, plenos, fazem  
ligações.  
Gemidos e murmúrios, gritos  
e sussurros. Escuras imagens,  
velhas canções.

Otávio Duarte



embrulhei meu coração  
em mar aberto  
envolvi no sal  
na alma móvel do mar

dois enigmas me encarnam agora  
um atravessa o mar  
outro, ave surpresa:  
não sai do lugar

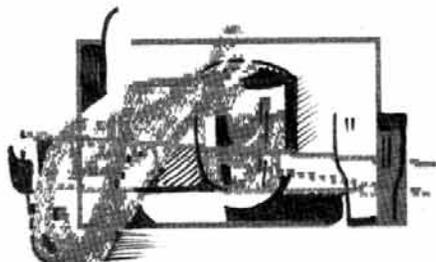
Lindolf Bell

### alcoólicas — I

É crua a vida. Alça de tripa e metal.  
Nela despenco: pedra mórula ferida.  
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.  
Como-a no livor da língua, tinta  
Lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me  
No estreito-pouco do meu corpo  
Lavo as vigas dos ossos, minha vida  
Tua unha plúmbea, meu casaco rosso.

E perambulamos de coturno pela rua  
Rubras, góticas, altas de corpo e copos.  
A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.  
Mas pode ser tão generosa e mítica: arroio  
Lágrima olho d'água bebida. A vida é líquida.

Hilda Hilst





# jardim japonês

Francesca Cavalli

No meio dos mares orientais, num arquipélago em forma de tartaruga, o paraíso tornou-se acessível. Os jardins japoneses são uma obra de arte perfeita, sublime. Simples, harmoniosos, parecem criados por um deus artista. Beleza que faz meditar e contemplar. Pura emoção.

Segundo a antiga mitologia do Japão, o arquipélago nasceu da união do deus Izanagi com a deusa Izanami, que deram vida, também, às florestas, aos rios e ao mar. O Sol e a Lua eram seus filhos, assim como eram seus descendentes os milhões de divindades e espíritos (*Kami*) que povoavam as ilhas, tornando-os verdadeiros donos do espaço japonês.

Esta lenda explica o íntimo relacionamento do homem nipônico com a natureza, através dos séculos, até o Japão contemporâneo.

Até o século VI os japoneses viviam da caça e pesca, enquanto no continente floresciam as civilizações chinesa e coreana. Foi exatamente no século VI que o budismo penetrou no Japão, e com ele foi introduzida também a escrita ideográfica, imediatamente adotada pela classe mais alta. Gradualmente, através dos eruditos, o conhecimento da literatura e da arte chinesas foi se espalhando, especialmente entre os nobres da corte.

Com as várias artes continentais (caligrafia, pintura, cerâmica, etc.), é possível que tenha sido importada também a arte de fazer jardins. Na China existia, na mansão dos nobres, um tipo de jardim que, possuindo como elementos indispensáveis o lago, a ilha e a montanha, devia reproduzir, nas dimensões do homem, a mítica residência celestial.

## o lago, a ilha e a montanha, a mítica residência celestial

O jardim, portanto, devia ser uma simbolização do paraíso. Segundo os chineses, as ilhas e montanhas dos bem-aventurados, onde corria o elixir da eterna juventude, repousavam no meio dos mares orientais. Quando o imperador Sui mandou dois sábios da corte à procura desse elixir, eles não o encontraram, mas disseram ter percebido, ao longo do continente, um arquipélago em forma de tartaruga.

Mais tarde, quando os japoneses tomaram conhecimento dessa crônica chinesa, apreciaram a identificação de seu país com o paraíso chinês, vendo nisso a confirmação do mito insular de que o Japão era realmente a terra dos deuses. A própria formação montanhosa do arquipélago, com seu mar interno cheio de ilhotas rochosas, parecia tornar o Japão a verdadeira representação do paraíso. Entretanto, os símbolos taoístas, confucionistas e budistas, ligados à montanha no jardim sino-coreano, encontraram no Japão já uma tradição primitiva: o cume das montanhas era o lugar terrestre mais próximo do céu, por onde os *Kami* desciam para visitar os humanos que, ao pé da montanha, arrumavam uma clareira (*Niwa*) para recebê-los. Um pórtico de entrada (*Torii*) assinalava o caráter sagrado do lugar.

Influenciados pela cultura coreana que via na ilha (*Hori*) a terra dos bem-aventurados, os japoneses passaram a considerá-la como a imagem dos antepassados e o símbolo da pureza.

No período Heian (794 — 1185), a nobreza, que se dedicava ao estudo da literatura e das artes, começou a construir grandes residências em estilo chinês (*Shinden*), com um jardim em seu lado sul que se estendia por muitos hectares. Feito para o prazer e o divertimento dos aristocratas, o jardim Heian continha sempre um lago com uma ilha e oferecia vistas panorâmicas que lembravam as pinturas de paisagem da arte chinesa. Nesse jardim o lago constitui a peça mestra que acolhe os elementos portadores de símbolos. Nele, geralmente, são criadas duas ilhas: uma representando o gôu, símbolo da alma, do espírito, do sol, do masculino (*Yang*), veículo para o imaginário; outra representando a tartaruga, símbolo do concreto, do material, do feminino (*Yin*). Ambos contêm o significado da longevidade.

A ponte entre a beira do lago e a ilha teve, inicialmente, o significado de “paraíso tornado acessível”; mais tarde, foi considerado o agente purificador por excelência.

Com o tempo, o jardim japonês foi gradualmente se afastando dos princípios básicos sino-coreanos para criar uma organização própria, baseada numa cuidadosa seleção e composição das mais agradáveis formas da natureza. Na época Kamakura (1185 — 1568), com a ascensão da casta militar, verifica-se uma transformação cultural que acentua o processo de japonização voltado às fontes autóctones. Entretanto, a chegada do Zen budismo traz uma nova influência chinesa que revelará sua importância em época posterior. Há, portanto, neste período, uma volta às fontes e, contemporaneamente, uma continuação das formas importadas, exemplo de um fenômeno tipicamente japonês de superposição cultural.

## a paisagem torna-se um pretexto para transmitir uma emoção

Aparecem nessa época os primeiros arranjos de pedras que manifestam uma corrente nova e original do jardim japonês, apotado, de fato, nas tradições pré-históricas do culto aos elementos da natureza.

Também no jardim chinês havia pedras, mas geralmente com formas estranhas, contorcidas, que, muitas vezes, eram colocadas em pedestais como as estátuas nos parques do Ocidente.

É provável que mesmo no estilo mais formal (*Shiu*) os japoneses não tenham usado pedras estranhas e raras, pois estavam em total contradição com seu temperamento.

A aparição dos arranjos de pedra corresponde a uma renovação da arte pictórica. No meio do século XII, influenciados pela pintura monocromática chinesa, os artistas japoneses representam a paisagem mais como um estado de alma, uma certa atmosfera e não uma paisagem real. É o que se chama um *Fuzei*. A paisagem torna-se um pretexto para transmitir uma emoção. No período Heian, os pintores sugeriam a paisagem com vastos movimentos de terra em volta do lago; agora, seguindo os pintores, os mestres de jardim procuram evocar sensações e emoções de certos lugares com a ajuda do arranjo de pedras, numa tentativa de captar a sua essência e só conservar deles uma emoção fugaz, um *Fuzei* recomposto no jardim.



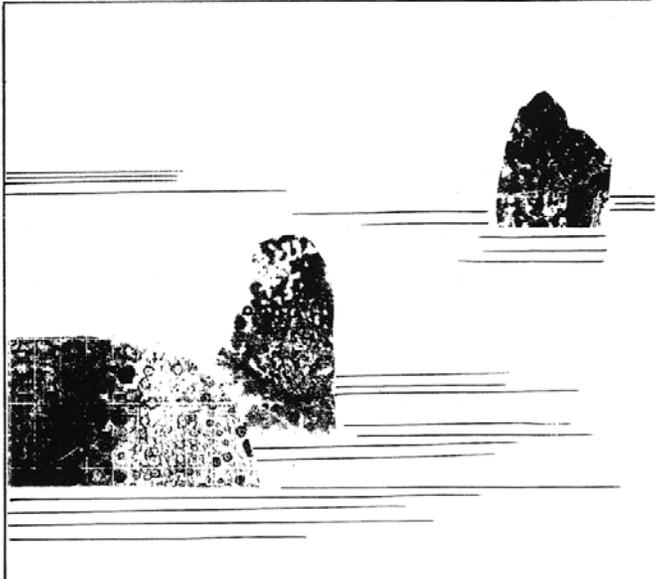
Do século XII ao XVIII criar o *Fuzui* era o fim último do jardim, e os símbolos dos jardins antigos eram sublimados até a abstração pelos monges Zen.

No Shogunato dos Ashikaga — período Muromachi (1392 — 1568) —, houve um grande desenvolvimento das artes: o terceiro Shogun, Yoshimasa, o grande mecenas, aperfeiçoou a Cerimônia do Chá, construiu o Pavilhão de Prata (*Ginkakuji*) e patrocinou a difusão da pintura monocromática *sumi-e*.

É o momento de uma nova grande influência da arte chinesa e da expansão do Zen budismo; é também a época da popularização rápida do jardim, que se difunde tanto nos templos como nas casas dos samurais, e passa a ter uma arquitetura propriamente japonesa. Ele é feito para ser admirado de vários pontos de vista, para se andar, sentar, contemplar. Continua existindo o jardim tipo "lago-ilha", como o do *Ginkakuji*, mas firma-se definitivamente uma nova forma, como no *Tentrin-ji* do Mestre Muso Kokushi, em que o lago é eliminado.

O jardim Zen (*Kare-Sansui*) é abstrato e utiliza simbolicamente elementos secos, como pedras, cascalhos e areia, para a representação de ilhas, montanhas, cascatas e lagos — que adquirem significados filosóficos e esotéricos —, geralmente de dimensões diminutas, pela harmonia de proporções, forma e coloração das pedras, e grafismos desenhados na areia, induzindo à contemplação e à meditação.

Os maiores expoentes deste tipo de jardim são o Mestre de Chá Shuko e o pintor Bokusai. O protótipo é o jardim do *Ginkakuji* e o *Ryoan-ji*, assim como o *Daisen-in*, considerados os mais belos.



Com o florescimento da Cerimônia do Chá (a partir do século XVI), surge um novo tipo de jardim inspirado na paisagem de montanha, simples e sereno, com um percurso (*Roji*) marcado por pedras, que leva até o Pavilhão de Chá. Possui uma bacia de pedra para a purificação e, durante as cerimônias noturnas, é iluminado por lanternas de pedra.

Seu idealizador foi o Mestre de Chá Jôo, enquanto seu discípulo Sen-no Rikyû fixou definitivamente as normas, cuja aplicação pode ser admirada nos jardins de Urasenke e Omotesenke, escolas de chá por ele fundadas.

No fim do século XVI, o Japão começa seu movimento de unificação. É o momento do florescimento de uma nova época na história da arte japonesa — Momoyama —, época breve mas de grande esplendor, em que se desenvolve a construção de grandes palácios e castelos e se criam grandiosos jardins, como *Daigo-ji* e *Shugakutu*, e em que se perde parte da antiga austeridade, mas se mantém o equilíbrio estético. Em alguns jardins dos templos da época, numa parte é recriada uma paisagem silvestre com árvores e musgos; em outra, constituída de um retângulo com areia branca, leves sulcos simbolizam as ondas do mar.

Com a transferência da Capital, na época Edo (1600 — 1859), continuou a se desenvolver em Kyoto o jardim de tipo tradicional, enquanto em Tóquio apareceu o jardim-parque, aberto à população, com grandes lagos, pontes, caminhos, reprodução de paisagens e montanhas famosas.

A revolução Meiji, que tirou o Japão da época feudal para projetá-lo na era moderna, não trouxe modificações na arte dos jardins. Houve, entretanto, uma adaptação das normas antigas para a construção dos pequenos jardins das casas particulares das grandes metrópoles modernas, inspirados no estilo Zen e no *Roji*.

## quem vê pela primeira vez um jardim japonês silencia e se põe a contemplar

Quem vê pela primeira vez um jardim japonês experimenta uma sensação tão forte de beleza e perfeição que, instintivamente, silencia e se põe a contemplar, quieto, o quadro que se descortina à sua frente. Tudo tão simples, tão naturalmente harmonioso nas formas, nas cores, no aproveitamento do espaço, que parece ter sempre existido, obra milagrosa de um deus artista. Entretanto, atrás dessa perfeição, supostamente natural, existe, sabiamente oculta, a mão do homem que, obedecendo a um princípio atávico, limita sua intervenção sobre a natureza de maneira discreta e sutil. Ela procura valorizar a beleza intrínseca dos elementos da própria natureza — água, pedra, planta —, compondo-os de maneira harmoniosa. Ao planejar o jardim, o artista estuda minuciosamente a disposição de cada elemento, mas, na hora da execução, tem o cuidado de deixar sua obra imprecisa, incompleta, legando à natureza a tarefa de completá-la para lhe dar o aspecto natural do crescimento espontâneo. Cada pedra, cada árvore é escolhida com amor e cuidado — às vezes são descobertas depois de longas caminhadas nas montanhas; cada movimento d'água é estudado para surtir um determinado efeito. De todo esse trabalho, fruto de uma longa experiência, resulta uma obra de arte perfeita, classificada entre as mais sublimes do Japão.

FRANCESCA CAVALLI é professora de História da Arte e de cursos de pós-graduação em Arte Japonesa, na USP.



# como era gostoso o meu paraná

reportagem de Nilson Monteiro

Anos 60. Sexo sem camisinha. Vassouras e caspas invadem o país de Jânio Quadros, o novo presidente. As Forças Armadas juram garantir a posse. Na rabeira dele, cresce no Paraná o major Ney Braga, com seu bigodinho e o apoio de vários intelectuais. Rompimento com a política tradicional do Estado. A palavra inflação começa a aparecer. O câncer era a AIDS de então. Anos 80. Só com camisinha. As eleições aí.

**S**exo sem camisinha. Adhemarista roxo, meu avô deu um chute no som fanhoso de seu Philips redondo, espalhando válvulas pra todo lado: a vassoura e as caspas haviam ganho em todo o país. No Paraná foi um banho.

Este banzo nos engasga, 29 anos depois e outra eleição à vista, com o coração batendo saudades e notícias. Afinal, estava tudo pronto para o envio do homem ao espaço cósmico e o Circo Queirolo, armado no bairro do seminário, apresentava, todas as noites, "Chic-Chic e sua Cia.", enquanto *O Furacão sobre Cuba*, de Jean-Paul Sartre, fazia furor nas livrarias, com depoimentos de Rubem Braga e Fernando Sabino. *O eleito tomará posse seja ele quem for. O povo vai decidir nas urnas e as forças armadas vão garantir essa decisão do povo. Ai daqueles que tenta-*

*rem mudar esse rumo*, disse, no dia 1º de outubro de 1960, o almirante Silvío Heck.

O cine Mercês anunciava com letras maiúsculas: COLORIDO. No programa, *Assassinos da Montanha*, com David Wayne e Keenan Winn. A Curitiba que ainda não era conhecida pela Boca Maldita tinha 341.465 pessoas morando na zona urbana; no município eram 358.114 curitibanos. Números que impressionavam se comparados com os de 1950: a cidade tinha 138 mil habitantes e o município, 180 mil. Um certo fascínio começa a ser irradiado da capital, que tinha um pedacinho de diversas terras em seu coração, muito de Sul, mas pouco, muito pouco, das outras regiões do Estado. Curitiba, nos anos 60, começa a se abrir. *Era uma cidade mais gelada, fazia muito frio. Mas, viver aqui sempre foi muito bom*, diz o tenente reformado Ariane Santos.

Nos Estados Unidos, 1960, há o primeiro debate televisado entre candidatos à Presidência da República — Richard Nixon e John Kennedy. Aliás, não foi debate. Foram quatro encontros da dupla, exibidos pela tela mágica da TV. Kennedy, do Partido Democrata, ganhou as eleições com 20 mil votos de diferença.

## anos 60: a tv americana mostra seu primeiro debate, entre os candidatos Nixon e Kennedy

No Brasil, não havia o palanque eletrônico. Eram 15 milhões de eleitores em disputa, em uma campanha de aperto de mãos, do país atravessado em temerários DC-3. Os aparelhos de rádio eram poderosos instrumentos, em cadeia nacional.

Na madrugada de 19 de setembro de 1960, milhares de rádios estavam ligados, acompanhando a vitória, no décimo round, do "Galinho de Ouro", Eder Jofre, sobre o mexicano Joe Medel. Com um violento cruzado de direita, Jofre, com 24 anos, considerado uma revelação do boxe brasileiro, derrubou Medel e se credenciou para lutar com Joe Beccerra, também mexicano, pelo título mundial. A vitória viria em novembro do mesmo ano. O ego esportivo do país vibrava: dois anos antes, com a magia de um anjo de pernas tortas e de um neguinho endiabrado, o Brasil ganhara sua primeira Copa do Mundo, na Suécia.



Jogar boliche virou moda. Em Curitiba, havia 15 clubes e 100 grupos em ação. Os editoriais dos jornais sapecavam Brigitte Bardot, o símbolo da juventude francesa. Bardot causava preocupação às autoridades, temerosas de que seu divórcio com Roger Vadim pudesse influenciar o comportamento dos jovens. Um outro jovem, o major Ney Braga e seu bigodinho, causava *frisson* no Bar Cometa, na Confeitaria Schaffer, em Curitiba, no Paraná todo. Repicava sua campanha — "Tostão contra o Milhão" — para o governo do Estado. Os *habitués* da Boite Mignon, no Clube Curitiba, discutem, madrugada adentro, que pode ser o fim para o governador Moysés Lupion, que escolhera Plínio Costa para apoiar. Maria Hellette Piz, de 19 primaveras, tinha as "mais belas pernas de 1960". Ganhou o concurso e uma viagem a Buenos Ayres, patrocinada pela Meias Nondesfil.



Mas a vida no Paraná não se resumia a Curitiba, que tinha 13 cinemas e três teatros. Quem cruzasse o Estado — pela Estrada do Cerne — em uma Rural Willys 1960, com tração nas quatro rodas, *própria para passeio e para trabalho*, encontraria no Norte uma urbe que nascera da loucura da cafeicultura, sustentáculo da economia da região. Uma cidade arrojada para seus 26 anos, que os curitibanos, preconceitosamente, chamavam de "capital nacional da picaretagem". Em Londrina, a imobiliária Veronesi anunciava a construção do Centro Comercial, um conjunto de cinco prédios no centro da cidade que tinha o terceiro aeroporto em movimento no país. Os anúncios diziam: *compre seu apartamento, pagando 5% de entrada e o resto em 40 meses*. Não havia juros, nem acréscimos para os seguintes preços: apartamentos com sala de estar e dois dormitórios, Cr\$ 678.300,00; com três dormitórios, Cr\$ 994.400,00; com três dormitórios, quarto para empregada e dois banheiros, Cr\$ 1.900.000,00. Uma sala para comércio, com sanitário, valia Cr\$ 295.000,00. Os telefones, de quatro dígitos, esquentaram. E os Veronesi ergueram o Centro Comercial rapidinho. O cine Jóia exibia *A volta ao mundo em 80 dias*, que havia ganho 52 troféus como o melhor filme do ano, dirigido por Michael Andersen e estrelado por Cantinflas, Shirley MacLaine e mais 47 figurinhas carimbadas. *United Artists*.

## ainda não chegara ao fim a cafeicultura, os cigarros acesos em notas de cruzeiros

Londrina tinha uma zona famosa, bons tempos, lances gloriosos. Na década de 60, ainda não chegara o fim da cafeicultura, dos cigarros acesos em notas de cruzeiros. E nem o fim da zona: um aglomerado de casas na rua Vila Velha, a pouco mais de mil metros da catedral, do centro de negócios e da Concha Acústica, onde eram realizados os comícios. Eis o relato da revista *Panorama* para um encontro de Jânio Quadros e Ney Braga neste local: *já passara da meia-noite e o frio era o mais intenso e os ventos os mais tritantes sobre a imensa multidão comprimida na praça da Concha Acústica em Londrina. Àquela hora, os últimos ônibus já partiram para os subúrbios da cidade, mas ninguém atredara o pé do anfiteatro, onde o Norte do Paraná, representado por sua capital econômica, prestava a mais comovedora homenagem que jamais tributara a um candidato a governador do Estado*. Naquela noite discursaram, além da dupla Jânio e Ney, Franco Montoro, Paulo de Tarso, Afrânio de Oliveira, Padre Godinho (que havia sido o deputado mais votado da Assembléia Legislativa paulista) e Faria Lima, secretário de Viação e Obras Públicas, representando o então governador de São Paulo, Carvalho Pinto.

*O Norte não tinha nada a ver com o Sul do Paraná, sua ligação cultural, econômica e política era com São Paulo. Tanto que os londrinenses torciam — e ainda torcem — para os times paulistas. Só depois da Rodovia do Café é que começou a integração entre Curitiba e Londrina*, testemunha Edson Gradia, secretário de Esportes e Turismo do Estado, que em 1960 era estudante em Londrina, onde fez campanha para Nelson Maculan, candidato a governador pelo PTB.

Em Curitiba, a sacada do edifício Asa servia de improvisado palanque a alguns políticos. No mesmo prédio, ficava a sucursal do jornal *Última Hora*, que era impresso, simultaneamente, em várias capitais do país, com a mesma receita das teclas de Samuel Wainer. *Nunca escrevemos com tanta liberdade como naquela época. Além disso, a 'Última Hora' pagava os melhores salários da cidade, junto, é preciso que se faça justiça, com a revista Panorama*, conta o jornalista Aderbal de Sá Fortes, responsável, na época, pela coluna "Em cima da hora", por reportagens e não raro, pelo editorial do jornal: *As vezes, o que escreviamos em Curitiba tinha forte repercussão no eixo Rio-São Paulo*, diz Fortes, então companheiro de outro jovem repórter, Sílvio Back.



A *Última Hora* era o sucesso: em Londrina, que tinha 26.121 eleitores em 1960, o jornal vendia três mil exemplares diários. Em Curitiba, além de *O Estado do Paraná* e *Gazeta do Povo*, o *Diário do Paraná* tentava inovar. Este último, por exemplo, anunciou, em seu suplemento feminino, a existência do *Club do Lar*, um mundo de úteis ensinamentos e magníficas sugestões para as verdadeiras donas de casas. Corria 1960.



### depois de um show, um grupo agarra Juca Chaves e corta os seus cabelos

Juca Chaves não conseguiu correr. Suas longas melenas foram aparadas por um grupo curitibano, depois de um show do "La Fontana di Trevi". *Ele era muito irreverente, gozador, e Curitiba era muito mais provinciana do que é hoje*, conta o representante comercial Wilson Flores, que fez parte do grupo que agarrou e cortou os cabelos de Juca. Os Beatles só balançariam suas júbas dois anos depois. *Não tinha esse negócio de nego vir de fora fazer chacota do curitibano*, emenda Ozier Leal, outro integrante do grupo barbeiro. Alguns vieram e agitaram, como os "Malucos Cívicos" de Jânio, rapazes identificados por seus jalecos e fanatismo janista, que pareciam tão lunáticos quanto o apoio de Luiz Carlos Prestes e Plínio Salgado para o mesmo candidato à Presidência da República: Marechal Teixeira Lott. Mais do que eles, as irmãs "francesinhas" agitaram a noite curitibana, povoada de "infernhinhos". Elas trouxeram o sexo oral, para a felicidade de quem frequentava a "Dinoráh", na Marechal Deodoro. Depois delas, houve a invasão das argentinas, contam os boêmios.

Mas, a família curitibana passeava naquele relicário de 70 mil metros quadrados preservados no coração da cidade. "O Passeio Público" já era a praia do curitibano. Naquele mesmo ano foi realizada a primeira novena da Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, com sessenta pessoas. O candidato Ney Braga era o novo, a "zebra", concorrendo pela dobradinha dos Partido Democrático Cristão (PDC) e Partido Libertador (PL), contra Nelson Maculan, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e Plínio Costa, do Partido Social Democrático (PSD). Dois anos antes, o candidato de Ney para sucedê-lo na prefeitura de Curitiba, Aristides Simão, perdera a eleição para Iberê de Mattos. *Na terceira zona eleitoral, o Iberê virou a contagem. O Aristides estava milhares de votos na frente*, lembra o engenheiro Dario Lopes dos Santos, um dos frequentadores do "Chá de Engenharia", reunião dançante criada por Abílio Ribeiro, com o som da Orquestra do Genésio. Ney era o novo e saía contra, por exemplo, o candidato oficial Plínio Costa que, além do PSD, tinha uma fileira de partidos a apoiá-lo: Partido de Representação Popular (PRP), Partido Social Progressista (PSP), Partido Republicano (PR) e, pasmem, Partido Rodoviário Brasileiro (PRB).

### a "zebra" Ney tem o apoio de artistas e escritores, num manifesto de solidariedade

*Ney Braga representa a renovação dos costumes políticos num dos maiores Estados brasileiros*, dizia um manifesto de solidariedade ao candidato, assinado por duas dúzias de jornalistas e escritores cariocas. Entre eles, Carlos Drummond de Andrade, Raquel de Queiroz, Villas Boas Correa, Fernando Sabino, Rubem Braga, Odilo Costa Filho, Newton Carlos, Manuel Bandeira, Ledo Ivo, Gilberto Freyre, Gilberto Amado, Joel Silveira, Haroldo Holanda, Paulo Mendes Campos, Carlos Lacerda e Hélio Fernandes. O senador Nelson Maculan não acreditava que esta "zebra" pudesse correr contra seu prestígio.

Dirigidos por Glauco de Sá Britto, atores amadores fizeram o maior sucesso no pequeno auditório do Guaíra, encenando "Chapetuba F. C.", de Oduvaldo Vianna Filho. O Teatro Experimental do Guaíra teve que voltar ao palco várias semanas. Nas ruas, ficavam estacionadas a Vemaghet, a Lambretta, a Romi-Isetta, dividindo espaço com o Chevrolet rabo-de-peixe. AVila Palmira, onde ele nasceu, já não existia em 1960, quando Enéas Mansur, um boêmio incorrigível, voltou do Norte do Estado, onde fora trabalhar para a Companhia Progresso de Armazéns Gerais. Maringá estava nascendo. *E era uma canção*, espreme os olhos, nostálgico, Mansur, que gostava muito dos botecos "Buraco do Tatu" e "Gruta da Onça", onde se comia o sanduíche "carne de onça" (broa de centeio, carne crua, salsinha e cebolinha picadas), acompanhado da pinga "Morreteana" ou "Predileta". O bar "Paraná" era o centro nevrálgico e/ou político da cidade, mas os prefeitos do interior, quando vinham à capital, hospedavam-se no Braz Hotel, a alguns quarteirões do Mariluz Hotel, onde se *ballava a noite toda, sem problemas*, relembra Mansur. Bares, cafés, restaurantes, infernhinhos existiam às dezenas em Curitiba. Poucos que viveram aquela época em que as mulheres caprichavam os penteados com laquê e os homens barbeavam-se com lâminas Gillette Blue Blade deixam de citar o bar "Guairacá", as proezas do garçon Souza e as primeiras banquetas em volta do balcão, ou o café "Ouro Verde" onde se reunia o grupo de elite, os "granfinos". Ou o "Alvoradinha", o "Senadinho"...

O Atlético dava as bolas no futebol do Sul, contam os aficionados. Sem esquecer, claro, do Coritiba, Britânia e Ferroviário. No Norte, o Grêmio de Maringá e o Londrina ficavam por cima. E o campeonato era dividido por regiões, como a cultura do Estado. *O Atlético ainda vivia os reflexos de ter tido o Cajú, que foi o maior goleiro de todos os tempos no Paraná*, glorifica-se Ivan Pereira, frequentador assíduo do "La Vie en Rose", bar onde, durante um show, roubaram o violão de Dorival Caymmi.

O tubinho começava a apertar os corpos femininos, ganhando as ruas curitibanas. A mania de pesquisas eleitorais começava a incorporar-se. A revista *Manchete* faz uma prévia em Curitiba, de 19 a 24 de setembro de 1960, e Nelson Maculan fica com 47% da preferência do eleitorado. Nos mesmos dias, o IBOPE faz uma prévia em São Paulo e constata que Jânio tem 57% da preferência dos paulistas para a Presidência da República;



QUEM BEBE  
**grapette**  
MARCA REGISTRADA  
REPETE



Adhemar de Barros fica com 19%, o Marechal Lott com 16% e os indecisos somam 8%. Para a vice-presidência, o preferido é Milton Campos, com 41%, seguido por João Goulart, com 33%, e Fernando Ferrari, com 13%, o mesmo percentual dos indecisos. O cine Arlequin, curitibano, apresentava *A volúpia do poder*, com Jean Gabin, Jean Desailly e Pierre Brasseur.

Bailinhos aos sábados, dançar colado, almoço e jantar comum à toda família (o pai na cabeceira da mesa), festa de formatura, vestido de noiva, o televisor Admiral chegando às residências mais chiques, Crush, Cuba, a década de 60 engatinhando no seu primeiro ano. Um buquet, com 12 botões de rosa e ramos plásticos, custava Cr\$ 173,00. Mais que um quilo da cera Rubi, Cr\$ 48,50, ou um tubo do Talco Gessy, Cr\$ 24,00. A palavra inflação começava a ser balbuciada. Um metro de cambraia Scurarchio custava Cr\$ 1.200,00; o de tropical Santista, Cr\$ 550,00; o de tropical Aurora, Cr\$ 720,00, e o de linho Braspérola, Cr\$ 260,00. Um dólar valia 182 cruzeiros. No litoral, maiôs inteiros e óculos escuros. Surgem os primeiros biquínis de bolinhas, com certo escândalo. A Liga Paranaense de Combate ao Câncer completa 13 anos. O câncer era a AIDS de então. O Major Ney Braga cresce, agarrado às caspas de Jânio Quadros. O país repete um *slogan* — “O Jeito é Jânio” —, cada vez com maior intensidade. A justiça eleitoral começa a preparar uma novidade: a cédula única, não admitindo a cédula impressa pelos partidos, como em eleições anteriores. Jânio usa e abusa do moralismo: proibirá, se eleito, as brigas de galo e o uso do biquíni. Sacode o sanduiche de mortadela no percurso entre os palanques. Promete combate à corrupção. Em Curitiba, o jornalista Samuel Guimarães da Costa publica *Vida, paixão e morte do rio Iguaçu*, em extensa reportagem. Nas livrarias, *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, sai do fundo das prateleiras.

Em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, abre-se a primeira urna para se conhecer o sucessor de Juscelino Kubitschek e a primeira cédula indica: Adhemar de Barros e João Goulart. Ao final, a primeira urna traz o seguinte resultado: Marechal Lott, 106 votos; Adhemar de Barros, 81, e Jânio Quadros, 70 votos. O resultado dos 15 milhões de votos, porém, todos sabem: Jânio - 5.636.623 (48%); Adhemar de Barros - 2.195.709 (20%); e Marechal Lott - 3.846.825 (32%).

### no Paraná, Jânio faz 51,2% do colégio eleitoral. Lupion é derrotado por Ney Braga.

No Paraná, Jânio Quadros, do Partido Democrata Cristão (PDC) fez 367.422 votos, 51,2% de um colégio eleitoral de 717.380 votos. Adhemar de Barros, do Partido Social Progressista (PSP), 161.802 votos, com 22,6% do total, e, em terceiro, ficou o Marechal Lott, do Partido Social Democrático (PSD), com 121.462, 16,9% dos votos. Houve ainda 45.397 paranaenses que votaram em branco e 21.297 que anularam seu voto. Para vice-presidente, o mais votado no Paraná foi João Goulart, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com 208.557, 30,9% dos votos; em segundo ficou Milton Campos, da União Democrática Nacional (UDN), com 174.890 votos, ou 25,9% do total, e, em terceiro, Fernando Ferrari, do Movimento Trabalhista Renovador (MTR), com 126.536 votos, ou 18,9%. Houve ainda 148.683 votos em branco e 15.201 nulos.

Para o Governo do Paraná, o grande derrotado, a 3 de outubro de 1960, foi o ex-governador Moysés Lupion, que perdeu para quem representava a ruptura: Ney Braga. Ele fez 255.328 votos, somando 35,3% do total de 724.019 votos válidos. Em segundo, ficou Nelson Maculan, com 223.696 votos, ou 30,9% do total. E em terceiro, o candidato do governador Moysés Lupion, Plínio Costa, com 194.328 votos ou 26,8%. Houve 18.898 votos em branco e 31.769 votos nulos. O Paraná dava início a uma nova era política.

Sexo com camisinha.

Três décadas depois, a AIDS vinga no país, o segundo do mundo, com 7.538 casos até outubro de 1989. Neste novembro, temos eleições.

NILSON MONTEIRO é jornalista e repórter especial da Gazeta Mercantil.



Chico Rezende é bala na agulha. Mineiro de Pouso Alegre, feito Canceriano, 39 anos, amado de Chico, este cara, era diafragma. Não ligava, não lembrava, não. Tem foto exposta no Museu de Fotografia. Fotografou mais de 800 mulheres. Mas, não só. *Sempre fui um guru. Adoro a reportagem. Mas não sou apaixonado.* Fez oito exposições individuais. Produziu quatro curta-metragens disparando a alma. A vida, esta. Sentimento em P/B ou em cores. Francisco Claret de Rezende, e Chico Rezende não morreu no



# chico rezende



(1950 — 1989)

na, coração maior que a vida.  
na terra encardida de Londrina, onde ficou.  
Silvia, duas décadas de fotografia, a arte que mais amava.  
lente, luz, velocidade, ganhou concursos internacionais.  
queria.  
Arte Moderna, em Paris, com o tema "mulher".  
es em todo o canto onde esteve.  
de olho nas coisas, dizia este moleque do fotojornalismo.  
na opção é pelo artístico, disse o artista, intuitivo,  
em Londrina e uma em Curitiba.  
as para TV com a mesma receita:  
a coisa boba e linda, em cima da lâmina.  
s.  
m pessoa.  
dia 27 de março de 1989.



N.M.

# mimetismo

## (a carne irrelevante)

Benedito Pires



O ano da graça de mil novecentos e oitenta e três não teve um dia quinze de outubro. Ao menos para D. Deveria ter sido uma quarta-feira, com lua minguante e temperatura estável, conforme a meteorologia, mas simplesmente não aconteceu. D passou toda a manhã de quinta, dezesseis, recheado com a mais absoluta certeza que no dia anterior seu calendário de pulso assinalava terça, quatorze. Já na rua, à medida que os demais relógios confirmavam a precisão suíça que luzia em seu pulso, D concluiu que certamente ontem estava atrasado, e hoje, exato. Em algum momento o acertara, talvez durante a noite. Era mais lógico crer que não recordava o gesto mecânico, do que imaginar que apagara todos os detalhes das vinte e quatro horas que haviam composto o seu dia quinze. Apertou com mais força a agenda repleta, que carregava sob a axila, e pensou consigo mesmo que valia a pena tentar ser mais atento. Afinal, pode-se perder muita coisa em um prazo de vinte e quatro horas. E este foi o termo médio da equação.

### ANTECEDENTES

A primeira metade do mês de outubro se encarregara de viabilizar todos os seus sonhos mais antigos. A esposa havia falecido ao fim de um longo internamento, e os avós, que residiam a algumas centenas de quilômetros, pediram que o garoto permanecesse com eles. Nenhum sabor de catástrofe pairava no ar, após o roldão de surpresas que o mês lhe reservara. Aliás, D costumava ser bastante sincero e objetivo a respeito de questões sentimentais. O casamento havia sido um erro que o tempo, sumamente benévolo, se encarregara de corrigir. Mesmo o período da separação, a reconciliação impensada e o rebento tardio, marcavam a memória como um sem número de atribuições, perturbando a produtividade e a linearidade dos dias e dos meses. Um homem civilizado não mata, apenas espera pacientemente, e intimamente se regozija com a libertação. A criança estaria bem com os avós, e isto soava sensato. Os velhos entendiam que assim amenizavam a dor da perda recente, e isto era generoso de sua parte. Poderia visitá-los duas ou três vezes por ano, carregado de presentes, e isto seria o suficiente para transformar cada uma destas ocasiões em um acontecimento memorável. Seu patrimônio maior estava na clareza com que definia e escalonava as próprias prioridades. Afinal, quem traça inúmeros rumos acaba por per-

der-se em um emaranhado de vias tortuosas; e quem contrai laços muito sólidos já não se move com a necessária desenvoltura.

Estas soluções, tão perfeitas e tão naturais, coincidiram com a entrega da casa, pronta, decorada sob sua orientação, construída à sua imagem e semelhança. Ele a denominava mentalmente como "a casa do resalto", porque nos aposentos principais todos os móveis, um sofá, uma cama ou uma mesa, constituíam apenas "ressaltos", encobertos pelo mesmo carpet que se estendia sobre todo assoalho e pelas paredes. Igualmente oculto, um enorme armário embutido capaz de conter seus poucos objetos pessoais, roupas e livros, assim como os ocasionais trastes, dos quais ainda não tivera tempo de se livrar e que, se esparsos, perturbariam os olhos e a homogeneidade do ambiente. Quebrando a monotonia, apenas os imensos janelões que ligavam cada aposento ao pátio plano e gramado. Aqui uma máquina de escrever, mais adiante alguns discos e fitas, e o som fluindo de caixas acústicas devidamente embutidas, inundando todo aquele útero cor de pêssego. Lá fora um canil vazou, porque se encarregara de devolver o siberiano estrábico à loja de animais em que fora adquirido, meses antes. Como aposentos acessórios, um banheiro e uma pequena cozinha, perfeitamente dispensável, aliás, já que D jamais preparava suas próprias refeições. Restaurantes e lanchonetes haviam sido inventados com este objetivo, forneciam alimento para o corpo e para o espírito, além da oportunidade de ser sempre visto e lembrado.

E a tranquilidade para produzir era realmente um requisito essencial, já que D se considerava a pena mais ácida de seu tempo, igualmente implacável com conservadores e liberais, combatendo todas as formas de corrupção e abuso do poder, cioso do rigoroso cumprimento das leis, do respeito aos direitos humanos e às liberdades democráticas.

Por isso mesmo restou surpreendido, quase chocado, com o convite para assumir a secretaria de imprensa de um recém-eleito representante da oposição. Mas como era um sujeito de fibra inquebrantável, afastou a incômoda crise existencial que se avizinhava, e optou por interpretar o convite como mero reconhecimento público de qualidades indiscutíveis. E na noite do dia quatorze de outubro, quando se instalou definitivamente na casa do resalto, as paredes pulsaram acolhendo-o, demonstrando que a carne rosada do carpet tinha muito mais a ver com sua própria carne, do que todos os laços espíritos que o tempo tentara lhe impingir. Custou muito a conciliar o sono, em parte regozijando-se com a consagração implícita no convite; em parte sonhando com

uma autobiografia, mais ousada do que precoce; e em parte usufruindo de sua perfeita integração com o ambiente. Depois deixou que as horas corresse, apoiando a mão sobre o carpet e apertando os olhos, até que as linhas se diluísem e seus próprios contornos se misturassem aos contornos externos, cuidadosamente elaborados.

Mas talvez os jogos visuais tenham-lhe sugerido a desagradável idéia de que sempre fora um sujeito mimético, no conteúdo e na forma, em relação a cada ambiente que se dispusesse a adotá-lo. Digressões esdrúxulas podem ocasionar pesadelos lamentáveis, de sorte que D dormiu e sonhou que penetrava no gabinete de sua excelência, disposto a deixar claras suas inadiáveis disposições de independência ideológica. Abancava-se informalmente em uma poltrona, diante de seu anfitrião, e o brindava com duas únicas palavras, pronunciadas em alto e bom som: *Por que eu?* Então a resposta soava morna, amistosa, mas ausente de subterfúgios: *Super exploração gera instabilidade, meu filho. Um curral avançado supõe gado bem cuidado e guichês de reclamações em todos os estábulos. Esta constituição, que você converte em um cavalo de batalha muito pessoal, mantém todos satisfeitos, mas em degraus bem distintos. Esta estrutura democrática, cuja defesa você entende como um privilégio seu, é a nossa forma específica de administrar nosso imenso e complexo quintal. Por que se esforça tanto para crer que inventou a crítica social, econômica e política, à revelia do sistema? Nós criamos e remuneramos os ofícios críticos melhor do que remuneramos as classes produtoras, porque um sistema avançado sabe ver, em seus analistas mais atentos, os seus mais eficientes apertecadores. Portanto, deixe de se imaginar um herói. Já está em tempo de superar sua fase romântica e atingir a idade da razão.*

Depois disso restaram apenas os olhares de esguelha e os sorrisos dissimulados, esparsos por toda a imensa sala, e foram se diluindo lentamente, enquanto todos os ângulos e todas as linhas, antes retas, se arredondavam. As paredes e o mobiliário agora pareciam feitos com aquelas massas de modelagem com que brincam as crianças, sempre cinzentas, porque todas as cores foram misturadas, e sempre irritantes, porque qualquer objeto modelado guarda uma imprecisão sonâmbula e aterradora. O repouso acabou substituído por um poderoso esforço de concentração, tentando devolver às pessoas e às coisas sua velha forma, passível de ser apreendida, compreendida e definida, através de equações geométricas, arcos de círculo e parábolas.

## II CONSEQUENTES

D acordou tarde, no dia dezesseis, e o espelho refletiu uma figura suada e macilenta, que já não se coadunava com sua idéia de um contestador. Após alguma dificuldade para se localizar, no tempo e no espaço, assumiu a assessoria de imprensa de modo intencionalmente reservado, pouco efusivo, de sorte que os presságios da noite não se confirmaram, e nenhum incidente desagradável veio agredir a solidez emocional que sempre o caracterizara. Mas descobriu em todo o prédio e em si mesmo uma massa inossa e sem cor, feita de linhas mornas e ângulos difusos, em gradações de negro e cinza.

E foi assim que D começou a viver a sua epopéia específica. Pisando a massa cinzenta de que eram feitos todos os assoalhos, atravessou a porta imprecisa de um gabinete médico e ficou sabendo que suava mel, seu sangue era grosso e doce, e talvez isto afetasse sua visão de mundo. Saiu do consultório armado com uma extensa lista de restrições alimentares. Passou então às mãos do oculista, que após revirar exaustivamente seus olhos sem encontrar qualquer anomalia, entregou-lhe uma poderosa lupa de mão e propôs que examinasse as paredes da sala. D descobriu que a superfície, aparentemente lisa, era porosa, e que a pintura, à primeira vista impecável, a recobria de forma irregular, descontínua, deixando inúmeros espaços a descoberto. Concluiu que não existia uma visão absoluta, mas apenas a visão parcial e pessoal de cada um, e afastou-se da clínica satisfeito com a própria perspicácia.

Carregou a lupa no bolso, como um pequeno furto, capaz de devolver a confiança nos sentidos sempre que necessário. Feliz-

mente seu universo particular não fora afetado pelas grosseiras alterações que insistiam em sacudir todo o contorno, e regozijou-se, de lente em punho, comparando a textura da pele à do carpet. Conheceu então uma carne imperfeita e perecível, e um carpet repleto de corpos estranhos, móveis ou imóveis, mas sempre indefiníveis. Recorreu ao armário embutido e nas páginas amarelas da lista telefônica localizou um limpa-carpet e um analista. No divã, ouviu a explicação sobre os seus sonhos maus. A diluição dos objetos poderia simbolizar a diluição das próprias verdades. Não perdera os rumos, mas talvez estivesse perdendo as razões. Então bateu duas quadras acolchoadas, pardacentas, atingiu a casa do ressaltado, já impecavelmente higienizada, e se deixou envolver pela perfeição que pairava no ar, massiva e sufocante. Desejara tanto ter tempo para si mesmo e agora já não sabia o que fazer, consigo e com o tempo.

Na segunda-feira, D voltou ao escritório, num supremo esforço para retomar o mesmo ritmo acelerado de antes, sem espaço para digressões. Infelizmente suas mãos estavam úmidas e deixavam marcas brilhantes sobre o tampo da escrivaninha, de modo que começou a temer que restassem coladas nele. E quando a destra principiou a amolecer, ligando os dedos entre si, tentando escorrer pela borda da mesa, foi obrigado a realizar um gigantesco esforço, contraindo os tendões até sentir dores atrozes, para que ela retomasse os contornos originais. Antes que a secretária se apercebesse de seu estranho aspecto, e concluísse pela inépcia implícita em uma forma informe.

Na manhã seguinte, o espelho do banheiro refletiu uns olhos quase ocultos sob pálpebras pendentes, um queixo difuso, uma boca reduzida à condição de fresta, dentro da qual repousava, inerte, uma língua semidissolvida. Tudo isso ocorrendo sobre ombros tolos, de sorte que o pescoço inexistia e os braços desejavam ardentemente colar-se contra o corpo mole. Então D decidiu

que passaria a levantar cerca de dez minutos antes, de modo a contar com tempo para, diante do espelho, os olhos fixos em seus próprios olhos e todos os músculos contraídos, readquirir os traços duros que antes lhe conferiam uma expressão incisiva, ousada, personalíssima.

## III QUOCIENTE E RESTO

Mas agora já não há muita coisa que D possa fazer a respeito de si mesmo, porque hoje, ao despertar, teve extrema dificuldade para escorrer da cama e não conseguiu sequer chegar até o espelho. Sua massa flácida parece irremediavelmente colada ao tapete, ainda pode distinguir acolá uma orelha, mais adiante uns dedos, e suas chances de recompor-se certamente seriam bem maiores, se as paredes não insistissem em se mover vivas, ansiosas por demonstrar que a semelhança se converteu em afeto, e o afeto em desejo. E por tudo isso teme que em pouco tempo reste de si apenas uma pequena poça, conspurcando o impecável útero cor de péssimo. De resto, é preciso reconhecer que fez alguns progressos elogiáveis. Já recorda de todos os detalhes que compuseram o seu dia quinze, o ápice de uma carreira coerente e perfeita, e compreende que o cérebro cuidou de eliminar as revelações imprevistas, envolvendo-as em um sono longo e reparador. A única dificuldade está em conseguir que a carne desperte deste sono.

BENEDITO PIRES — Salto Grande (SP), 1945. Jornalista e publicitário, foi o vencedor do II Concurso Nacional de Contos (1989), na categoria de melhor contista paranaense, com *Vinte Histórias do Senhor das Moscas*, do qual foi extraído o texto aqui publicado.



# camé

Dimas Floriani

O ideal de vida norte-americano sofre hoje seus mais sérios desafios desde a 2ª Guerra Mundial. Enquanto Europa e Japão consolidam suas economias, para ingressar com força no novo milênio, nos Estados Unidos política ainda é objeto de consumo. Coisas de ianque, certamente.

**A** Lyndon B. Johnson School of Public Affairs da Universidade do Texas, em Austin, é um reduto de democratas conservadores, com alguns progressistas, como exceção. Aliás, tudo no Texas leva o nome de Johnson — pelo fato de ser texano o vice de Kennedy que assumiu após o assassinato deste em 1963 e se reelegera posteriormente.

Ao lado da Universidade está o Memorial L.B. Johnson, um museu-biblioteca onde estão guardados (para pesquisa pública, sob autorização especial) todos os documentos oficiais do período de sua gestão nos anos 60 e onde a história oficial o mostra como, além de continuador da guerra do Vietnã, o autor de inúmeras reformas sociais — algumas conquistas do movimento negro, por exemplo. Aliás, um dos paradoxos desta história oficial é que primeiro o sistema assassina Martin Luther King, para depois dar-lhe uma estátua de bronze, no Capitólio, ao lado dos grandes heróis da pátria. Coisas da história norte-americana.

A propósito dos memoriais de ex-presidentes — outra mania da história política ianque —, Carter estaria construindo o seu na Geórgia e Reagan, na Califórnia. A política lá é facilmente convertida em objeto de consumo; numerosas peregrinações turísticas são organizadas para visitar o Memorial L.B. Johnson, o L.B. Johnson Ranch, etc.

Sobre a riqueza do material oficial existente naquele memorial — cinco andares repletos de documentos oficiais —, daria para vasculhar, por exemplo, toda a política exterior norte-americana com relação ao Brasil. É o que fez uma socióloga sobre a intervenção do governo norte-americano no golpe de 64.

Em *Brazil and the Quiet Intervention*, 1964 (University of Texas Press, Austin), Phyllis R. Parker, além de pesquisar aquela documentação, entrevista dois atores privilegiados do processo conspiratório: o embaixador Lincoln Gordon e o adido militar, coronel Vernon Walters, que reconstróem passagens interessantes daquele conturbado momento nacional. Gordon, por exemplo, conta o encontro mantido com o almirante Heck, ainda em 1962, quando este acusou Goulart de comunista, afirmando que um golpe já estaria em andamento: *Num desses próximos dias agiremos e espero que, quando isto ocorrer, os EUA não se mostrem antipáticos.*

De volta à embaixada, Gordon envia um cabo ao Departamento de Estado, informando-o da história antes do golpe: que o general Castelo Branco assumira ativa liderança no movimento anti-Goulart. O serviço de inteligência norte-americano informava na ocasião que um grupo de governadores — Carlos Lacerda, Adhemar de Barros, Ido Meneghetti, Ney Braga e Magalhães Pinto — estava alinhado ao movimento. Estas e outras passagens estão nesse interessante livro.

Durante 30 dias, 15 professores universitários brasileiros, entre os quais me incluía, assistiram diversas palestras na Universidade do Texas, patrocinadas pela Fulbright Commission, de intercâmbio cultural, sobre "Problemas Contemporâneos da Democracia Norte-Americana". Este programa incluiu também visitas às instituições públicas e privadas em Washington e Nova Iorque.

Expositores ilustres e não menos conservadores, como W.W. Rostow, por exemplo, o célebre autor da teoria do *take-off* (decolagem econômica que permitiria aos países alcançarem a fase de consumo de massa), repetiam que há países criadores de tecnologia (os EUA, evidentemente), e os absorvedores (eufemismo para designar os países periféricos que devem se contentar em comprar a tecnologia dos mais avançados).

Outros expositores mais lúcidos, como Ray Marshall, ex-ministro do trabalho de Carter, problematizavam a questão da adaptação da produtividade do trabalho da economia norte-americana à competição internacional, num contexto favorável atualmente ao Japão. Em seu recente livro *Unheard Voices — Labor and Economic Policy in a Competitive World*, discute em profundidade esta questão.

Passo, na seqüência, a tecer algumas considerações sobre algumas questões postas hoje pelo capitalismo norte-americano, e veiculadas naquele seminário. É consensual entre os principais intelectuais do sistema norte-americano — que por sinal são orgânicos da nação e não de uma classe social —, que a internacionalização da economia e a globalização dos mercados colocam uma série de novos desafios. As transações internacionais norte-americanas passaram de 9% do PNB, em 1950 para 25% em 1980. Nesta década, aproximadamente a metade dos lucros das maiores corporações norte-americanas provém do estrangeiro. Hoje, cerca de 70% de todos os bens manufaturados dos EUA competem com os importados, da mesma maneira, 15% a 20% do crescimento da força-de-trabalho nos anos 70 é de origem imigrante (legal, ilegal e refugiada).

## DEVEDOR RICO

Outra constatação é que o período do pós-guerra acabou; que agora os EUA são uma nação devedora numa economia competitiva mundial. Observam os analistas que não se pode deixar de ignorar o desafio econômico posto pela importância ganha pela Europa e pelo Japão. Esse desafio seria o mais importante enfrentado desde a 2ª Guerra Mundial.

Maiores requerimentos em investimentos públicos e privados são oriundos deste quadro de competição internacional, visando à inovação, ao aumento da profundidade.

Os dispêndios correntes, comparados às prioridades de outros países, colocam os EUA em desvantagem, por exemplo, com o Japão. Enquanto este gasta 1% do PNB em despesas militares, os EUA gastam 6%. Os EUA pagam 2% pelo serviço da dívida externa, enquanto o Japão toma o equivalente a 4% do seu PNB em juros e lucros sobre investimentos no exterior.

Os compromissos internacionais, no plano militar e político, em termos de defesa da Europa e do Japão, bem como dos interesses do Ocidente no Terceiro Mundo, equivalem a gastos de aproximadamente 90% do orçamento da defesa dos EUA.

Isto oferece aos EUA reais possibilidades de aproveitar as oportunidades da *Glasnost* soviética para terminar com a Guerra Fria, estancando assim os gastos dispendiosos da corrida armamentista.

A tarefa de institucionalizar o equilíbrio do poder dentro dessa nova realidade não está isenta, entretanto, de contradições.

## IDEOLOGIA AMERICANA

A Segurança Nacional, ideologia do Estado norte-americano, não é só vista e orientada para a proteção do território, mas pretende, essencialmente, proteger um estilo de vida em desenvolvimento, isto é, os valores básicos da sociedade norte-americana (*still-developing way of life*). Esta visão tem levado os EUA a manterem uma postura imperialista em relação aos países que optam por valores diferentes dos deles, e tem orientado suas ações de cooperação militar na América Latina, dando-lhes mais importância que às ações propriamente econômicas. Através dos componentes econômico e militar, a assistência de segurança compreende hoje dois terços da ajuda externa dos EUA, parte que cresce com maior rapidez.

A postura do Estado norte-americano, enquanto suporte de uma ideologia de segurança nacional, mereceria um tratamento teórico mais aprofundado, sobretudo como expressão de um estado-nação e de um governo que exerce, no plano jurídico-político e militar, ações internacionais a partir da idéia de sua própria soberania nacional.

Para finalizar, farei as impressões colhidas em Washington onde visitamos, além do Congresso e dos comitês eleitorais dos partidos democrata e republicano, um *lobby* ligado ao Movimento da Agricultura Americana, para relatar, brevemente, uma cena patética ocorrida no Council of the Americas, associado ao The Americas Society, a chamada Internacional Capitalista, *lobby* poderoso, composto por uma centena de multinacionais, de cujo conselho consultivo faz parte uma pléiade de empresários brasileiros, na sua maioria paulistas conhecidos.

Naquele local, semanas antes estiveram presentes Covas e Lula, cada um apresentando seu programa de governo e suas respectivas posições frente à dívida externa, para uma platéia atenta de empresários. Fomos recebidos pelo Presidente do Council, Mr. Landau, homem com uma visão de diplomacia dos anos 60! Iniciei sua conversa perguntando quem dentre nós votaria em Collor. Diante do mutismo gratificante da pequena platéia — mutismo este intencional —, o Sr. Landau enterrou de vez o time, dizendo que o Brasil sempre fora aliado dos EUA — o que não é uma inverdade! — mas, pasmem! disse que quando necessitaram da nossa amizade, foram prontamente atendidos, sobretudo na ajuda à invasão da República Dominicana. *No comments!*

DIMAS FLORIANI é sociólogo e professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná.

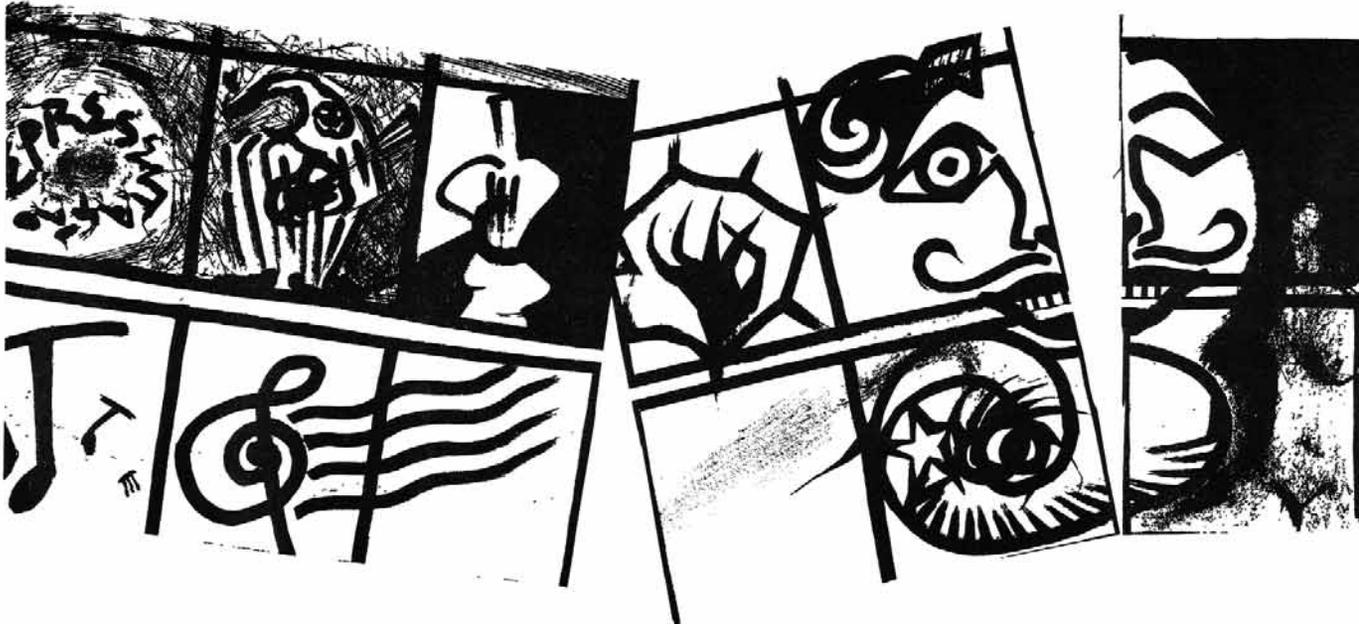
# ri ca



# 800 anos de língua portuguesa

Leopoldo Scherner

A Cantiga da Ribeirinha ou da Guarvaya, o mais antigo texto literário em língua portuguesa, foi dedicada a D. Maria Pais Ribeiro, amante do segundo rei de Portugal, D. Sancho I. Provavelmente sua autoria cabe a um trovador, também enamorado pela senhora. Aqui, mais que uma viagem ao passado, um mergulho nos cantares da paixão.



A ESTRUTURA DO POEMA

## PROBLEMA CRONOLÓGICO

Há dúvidas quanto à data em que apareceu a *Cantiga da Ribeirinha ou da Guarvaya*. O que é certo é que a respeitabilíssima filóloga alemã D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos propôs o ano de 1189 que, para alguns, devido a erro de leitura, devia ser 1209. A mesma D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, porém, em ocasião anterior, propusera o ano de 1206.

O professor português Costa Pimpão, insigne cronologista literário, foi o primeiro a lançar dúvidas sobre a data de 1189, em sua época já tradicionalmente aceita. E optou, por um critério de prudência, por 1198 ou, ainda, por uma data posterior a 1200.

Já o italiano César de Lollis propôs 1211.

Uma vez que os especialistas não conseguem chegar à conclusão definitiva com respeito à data da famosa cantiga, parecendo insolúvel o problema, não vejo razão por que não lembrar e celebrar o ano de 1189, durante muito tempo aceito.

De qualquer forma, o ano de 1189, examinadas as diversas hipóteses, é o mais afastado: 1189, 1206, 1209, 1211. E a distância entre 1189 e 1211 é de apenas 22 anos, realmente bem pequena, diferença insignificante em termos de história.

Trata-se de uma Cantiga de Amor, i.e., aquela em que o trovador expressava sua paixão por uma alta *senhor* (= senhora) que, da paixão, quase sempre não tinha ou não tomava conhecimento.

As Cantigas de Amor foram originárias da Provença, Sul da França. Têm caráter cortesão, convencional, erudito, opondo-se, assim, às Cantigas de Amigo, que o têm popular.

Certas palavras e expressões freqüentam as Cantigas de Amor, como, por exemplo, *senhor* (= senhora), *mia senhor* (= minha senhora), *fremosa mia senhor* (= minha formosa senhora). Podem compreender um refrão ou não. As sem refrão, que são as mais antigas, denominam-se Cantigas de Meestria (= mestria, maestria).

Classifiquei a *Cantiga da Ribeirinha* como uma Cantiga de Amor, tendo em vista, principalmente, os primeiros versos — franco elogio da *senhor* amada, a morte por amor. Mas o tê-la o trovador visto em saia e o revelá-lo levam a considerar a cantiga também como de escárnio.

Vale observar que até o século XV o poema estava ligado, inseparavelmente, à música, que, no caso presente, o que é de lamentar, está perdida.

## QUEM É O AUTOR DA CANTIGA?

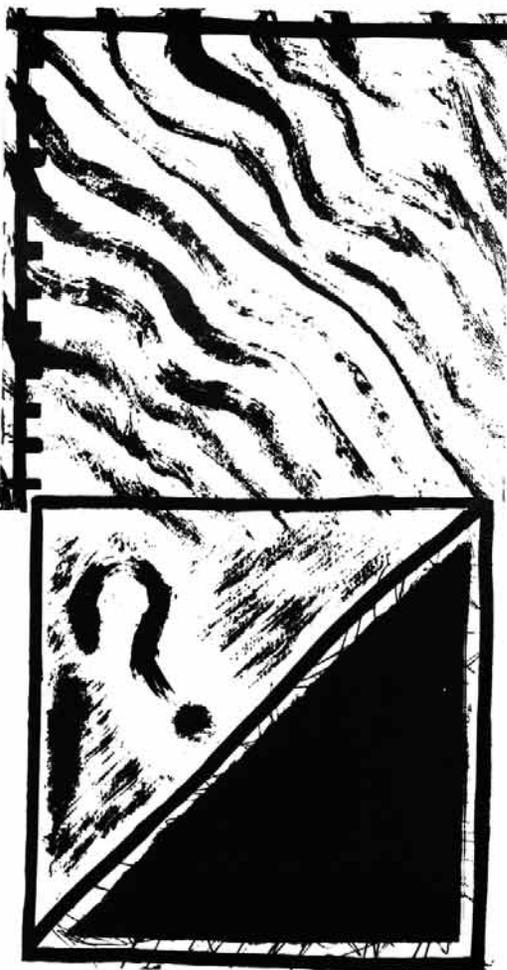
Há quem a considere de autor desconhecido. Há quem atribua a autoria a Martin Soares; há quem a atribua a Paio Soares de Taveirós.

A filóloga portuguesa Elza Paxeco está no primeiro caso: diante dos problemas com que se depara — e o fato de a cantiga se encontrar no *Cancioneiro da Ajuda*, onde todos os textos são anônimos, é um deles — considera *mais justo e prudente conservar-lhe o anonimato*.

No segundo caso, está o italiano V. Bertolucci: pelo fato de a Cantiga estar próxima das de Martin Soares e possuir conteúdo similar, a ele atribui sua autoria.

No terceiro caso, há uma corrente que atribui a autoria a Paio (Pai, Paay) Soares (Soarez) de Taveirós (Taveiroos), um dos primeiros a compor versos na então nascente, balbuciente, língua portuguesa, ou galaico-portuguesa, com a perfeição e o bom gosto de bom poeta e cujo trabalho literário conhecido consiste em dez cantigas de amor e três de amigo.

A corrente mais forte de aceitação tende, tradicionalmente, a atribuir a autoria a Paio Soares de Taveirós.



QUEM FOI A RIBEIRINHA?

D. Maria Pais Ribeiro, a Ribeirinha, foi amante de D. Sancho I (1185-1211), segundo rei de Portugal. O autor da cantiga, certamente, também andava apaixonado por ela.

Observações:

1. **Guarvaya** (leia-se garvaia): certa veste rica usada na corte, talvez de cor escarlate. É um *hapax* na poesia portuguesa arcaica.
2. A Cantiga da Ribeirinha é a de número 3 do *Cancioneiro da Ajuda*. Não figura nos outros dois cancioneiros antigos, o da Biblioteca Nacional de Lisboa e o da Vaticana. A cantiga, com certeza, está faltando a terceira cobra (estrofe) que, normalmente, existe nas outras deste gênero (Cantiga de Amor). Aí está uma das dificuldades que apresenta para o seu total entendimento.

Cantiga da Ribeirinha ou da Garvaia

O poema posto em língua portuguesa atual

Não sei de [ninguém] no mundo semelhante a mim,  
 [ao menos] enquanto me correrem [as coisas] como correm,  
 pois já morro por vossa causa, — e, ai! —  
 minha senhora branca e vermelha,  
 quereis que vos represente  
 [como estáveis] quando eu vos vi em saia.  
 Em mau dia me levantei,  
 pois, então, vos vi não feia (= muito bonita).

E, minha senhora, desde aquele dia, ai!  
 [as coisas] me correram muito mal.  
 E vós, filha de Dom Paio Moniz,  
 achais bem  
 que, de vossas mãos, eu receba uma garvaia.  
 No entanto, minha senhora, em matéria de alfaia,  
 de vossa parte, eu não tive, nem tenho  
 o que possa ter o quanto vale um [simples] pedaço de couro.

O poema em sua forma original

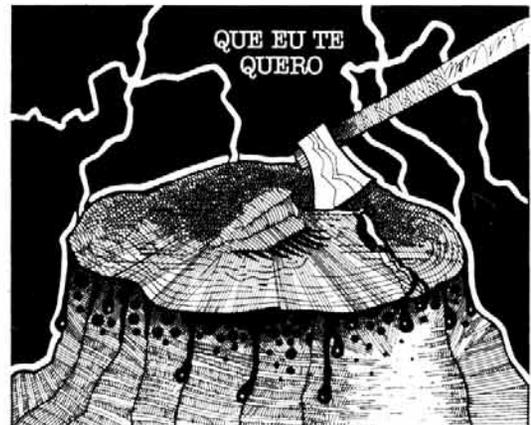
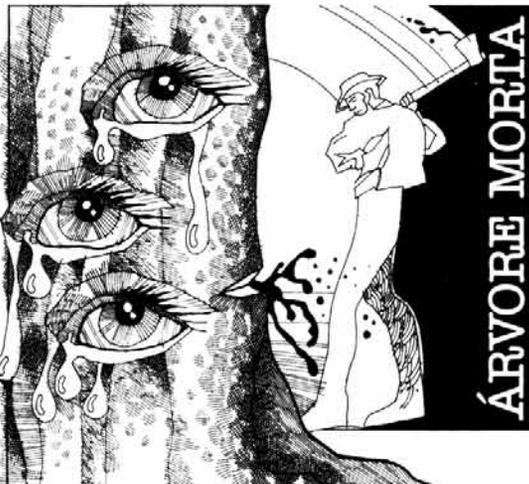
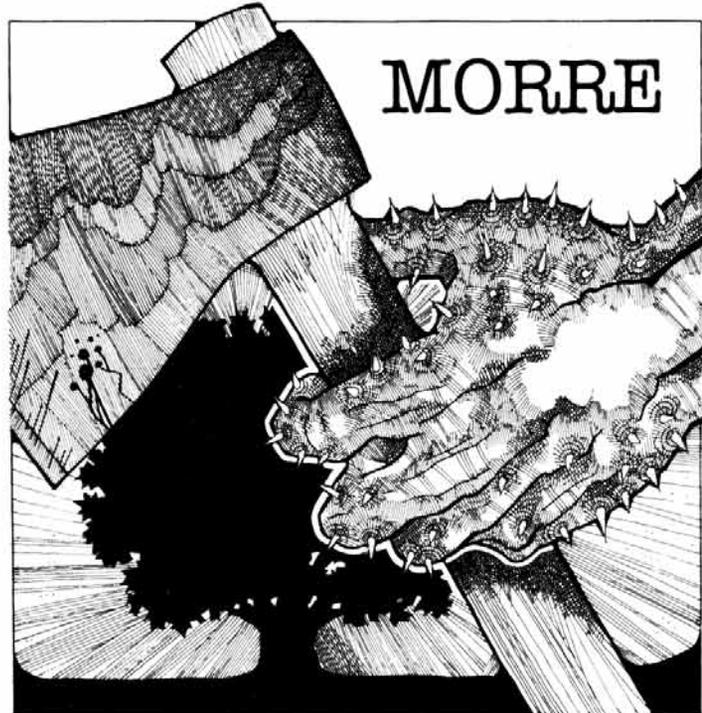
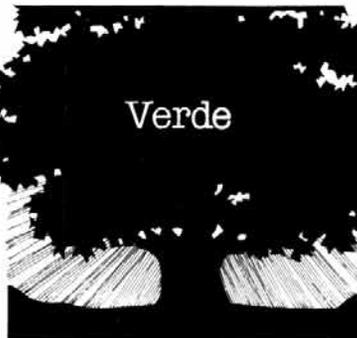
No mundo non me sei parella  
 Mentre me for como me uay  
 Ca ia moiro por uos — e ay!  
 Mia sennor branca e uermella,  
 Queredes que uus retraya  
 Quando uus eu uj en saya!  
 Mao dia me leuátey,  
 Que uus enton non vj fea!

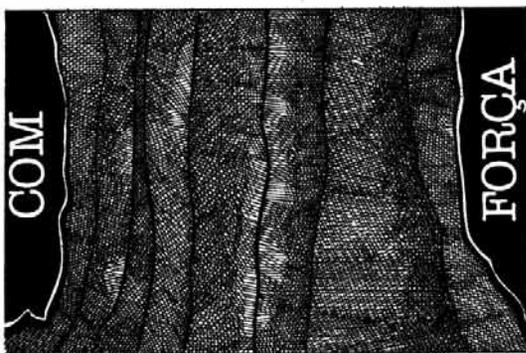
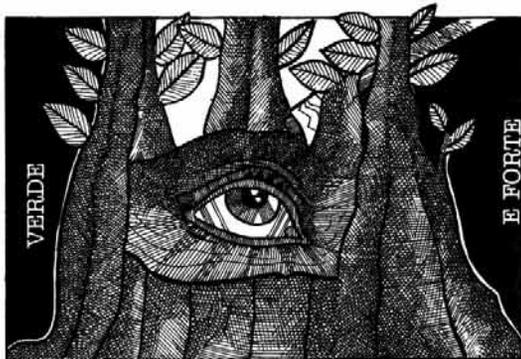
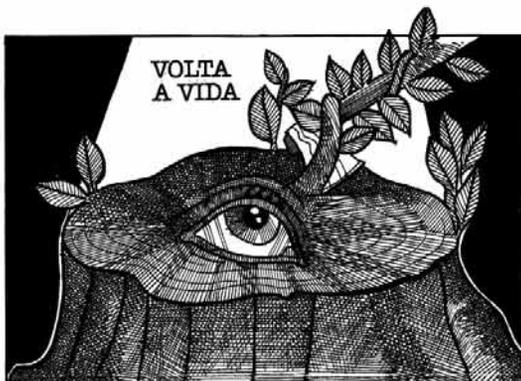
E, mia señor, des aquel di', ay!  
 Me foi a mi muyn mal;  
 E uus, filla de Don Paay  
 Moniz, e ben uus semella  
 D'auer eu por uos guarvaya,  
 Pois eu, mia señor, d'alfaya  
 Nunca de uos ouve, nē ey  
 Ualia d'ua correa.

O texto escrito em ortografia atualizada

No mundo não me sei parella,  
 Mentre me for como me vai,  
 Ca já moiro por vós — e ai! —  
 Mia senhor branca e vermelha,  
 Queredes que vos retraia  
 Quando vos eu vi em saia!  
 Mau dia me levantei,  
 Quando vos, então não vi fea.

E, mia senhor, dês aquel di', ai!  
 Me foi a mim mui mal;  
 E vós, filha de Dom Pai  
 Moniz, e bem vos semella  
 D'haver eu por vós garvaia,  
 Pois eu, mia senhor, d'alfaia  
 Nunca de vós houve, nem hei  
 Valia d'ua correa.





# Paranóia oração à paranóia paranóia

Caio Fernando Abreu



Gloria a ti, Paranóia nossa de cada dia!  
Teu nome é sonoro e poderoso como o de uma deusa. Deusa do medo irracional, persecutório, megalômano, incapaz de decifrar o limite entre a suspeita gelada e esse muro áspero que chamamos de "real". Deusa Paranóia, senhora dos esquizofrênicos, rainha soberana destes tempos de névoas e de nojo, destes tempos de trevas e de vírus, destes tempos de fugas e suicídios. Deusa necessária para localizar a lâmina do punhal escondido no bolso do que se diz amigo, só tu és capaz de desmascarar a dança assassina por trás de cada gesto de carinho falso. Deusa solitária acuada feito bicho no covil mais imundo do teu cérebro, deusa doentia, fugitiva da luz, temerosa do bem, deusa vampira de todos os terrores, geradora de enganos salvadores.

Oh rainha suprema!

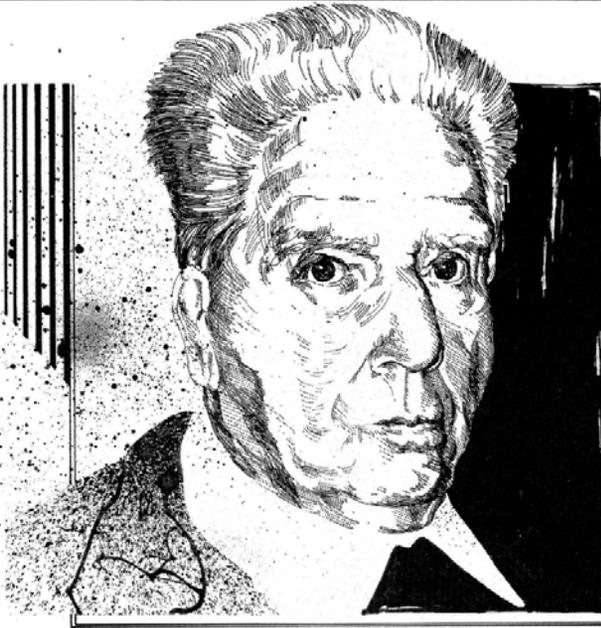
Amma nossa solidão e nosso medo com dentes de metal para que possamos lutar sem esperança contra a matilha faminta de lobos que nos cercam ontem, hoje, amanhã e sempre.

Ave, Paranóia!

Nós, que ainda não morremos, te saudamos. E arrojados a teus pés, em coro uníssono suplicamos: Ave, Ave Paranóia nossa de cada dia! Não nos abandones, até que a morte nos destrua, amém.

Fragmento do filme *Romance*, de Sérgio Bianchi. Texto dito pelo personagem Antonio Cesar, interpretado por Rodrigo Santiago e não aproveitado na montagem final.

CAIO FERNANDO ABREU — Santiago (RS), 1948. Prêmio Status de Literatura — 1980 e Jaboti de Ouro — 1984, Romancista e contista, autor, entre outros, de *Os Dragões não Conhecem o Paraíso* (Companhia das Letras), *Morangos Mofados* (Brasiliense), *Ovo Apunhalado* (Globo), *Pedras de Calcutá* (Alfa Omega) e *Triângulo das Águas* (Nova Fronteira).



# sobre Uma carta não-escrita

SU UNA LETTERA NON SCRITTA

Per un formicolio d'albe, per pochi  
fili su cui s'impigli  
il fiocco della vita e s'incollani  
in ore e in anni, oggi i delfini a coppie  
capriolano coi figli? Oh ch'io non oda  
nulla di te, ch'io fugga dal bagliore  
dei tuoi cigli. Ben altro è sulla terra.

Sparir non so né riaffacciarmi; tarda  
la fucina vermiglia  
della notte, la sera si fa lunga,  
la preghiera à supplizio e non ancora  
tra le rocche che sorgono t'è giunta  
la bottiglia dal mare. L'onda, vuota,  
si rompe sulla punta, a Finisterre.

Eugenio Montale

Por um formigar de auroras, por poucos  
fios sobre os quais se enrede  
o laço da existência e se encurrale  
em horas, anos, hoje em dupla os delfins  
cabriolam com os filhos? Oh, que eu não ouça  
nada de ti, que eu fuja ao brilho  
de teus cílios. Coisa bem outra é sobre a terra.

Sumir não sei nem tornar a debruçar-me; tarda  
a forja vermelha  
da noite, a tarde faz-se longa,  
a oração é suplício e não ainda  
entre as rochas que surgem alcançou-te  
a garrafa do mar. Vazia, a onda  
rompe-se sobre a ponta, em Finisterre.

**E**ugenio Montale (Génova — 1876 Milão — 1981). Ensaísta, crítico de música e literatura, poeta. Apaixonado por filosofia, inglês e espanhol, traduziu Cid, Faust (de Marlowe) e Hamlet. Sua primeira publicação data de 1922, na revista *Primo Tempo*, de Turim. Anti-fascista com Piero Gobetti em 1924, no ano seguinte descobre Ítalo Svevo. 1927 marca o término do período genovês da formação de Montale, intelectual autônomo, fora dos esquemas acadêmicos, anti-fascista, neo-iluminista.

Tempos de dificuldades econômicas. Aos 30 anos, escreve para a revista *Solaria*. Amigos célebres: Ezra Pound, Papini, T.S. Elliot. Chega aos experimentos literários de Joyce, Proust, Virginia Woolf. *Solaria* é sequestrada pelo governo fascista em 1930. Um ano depois, Montale é reconhecido por seu livro *A casa do fiscal de alfândega* e outros poemas (*Ossi di seppia*), recebendo seu primeiro prêmio literário.

Escreve para as revistas *Litteratura* e *Primata*, mas de 1940 a 1942 é chamado novamente a servir no exército, durante a 2ª Guerra Mundial (já havia participado da primeira, da qual foi dispensado em 1917). Depois desse período, adere ao Comitê para a Cultura e a Arte. *Arte e Ciência valem hoje por expressar uma força superior a nós mesmos. Não é o irracionalismo do nazi-fascismo, é a velha luta do bem contra o mal, contra as certezas demasiado fáceis da maioria dos intelectuais vira-casaca*, desaparece ele.

*Il Corriere della Sera*, em 1948, a partir daí, até 1955, viaja com freqüência e publica em seu livro *Auto de fé* o ensaio "A solidão do artista". *O máximo de isolamento e o máximo de comunicação devem sempre coincidir no artista*, dizia. O grande sucesso editorial começa em 1956. Onze anos depois, é eleito senador vitalício e, em 1975, é laureado com o Nobel de Literatura. Ficou famosa sua intervenção durante a solenidade de entrega do prêmio: *É possível a sobrevivência da poesia?*

O poema aqui publicado, inédito em língua portuguesa, foi extraído do livro *Tutte le poesie* (Mondadori, 1977).

*Ossi di seppia*, 1925

*Le occasioni*, 1939

*La bufera e altro*, 1956

*Satura*, 1971

*Diano del '71 e '72*, 1973

*Quaderno di quattro anni*, 1977

**b**

ibliografia poética

AURORA FORNONI BERNARDINI é doutora em Italiano, professora da USP nos cursos de graduação em Russo e de pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada. Tradutora e co-tradutora de obras das literaturas russa e italiana, destacando-se, entre outros, *Ka*, de Velimir Khlebnikov (Perspectiva), *O Deserto dos tártaros*, de Dino Buzzati (Nova Fronteira) e *O Bruto rolo da via Merulana*, de Emilio Gadda (a sair pela Record). Trabalha atualmente numa antologia de poemas de Eugenio Montale.

tradução  
de Aurora Feroni Bernardini

# CARTAS NA PÁGINA

Com o *Nicolau*, nesta época de raros magérrimos do jornalismo literário, o Paraná mantém sua tradição de pioneiro e impulsionador de cultura, bastando citar, em datas recentes, a revista *Joaquim* e o Concurso Nacional de Contos, que revelou e projetou uma porção de gente.

O falecimento de Paulo Leminski, a quem vocês consagraram o número 25, obrigou-me a sair de um certo silêncio, para contar um fato que pode não ser importante do ponto de vista pessoal (ou biográfico) do bravo Leminski. A ele, que não tive o prazer de conhecer, escrevi há uns dois anos, quando me enviou seu livro de crônicas, uma longa carta que não sei se recebeu (foi através da editora do livro).

O fato é o seguinte. No I Concurso Nacional de Contos do Paraná, em 1968, em conto em particular despertou a minha atenção e o meu entusiasmo: Descartes sem lentes. Foi incluído por mim entre os cinco finalistas, porém meu voto foi solitário, ainda que eu rivalizasse com empenho o de Rubem Braga, que também gostou mas arcaica que era mais uma crônica do que um conto. Leo Gilson Ribeiro não pôde comparecer porque estava hospitalizado. A comissão teve de se reunir durante alguns dias e votar sem ele, até que se conseguiu localizá-lo. Possivelmente através de uma secretária, Leo enviou-nos um telec. e para minha alegria votava em primeiro lugar no autor de Descartes. Bem, esse foi a minha interpretação. Porque Leo Gilson Ribeiro limitou-se a indicar o número do concorrente e o pseudônimo. O número conferiu com o conto, mas o pseudônimo, por distração de Leo ou de quem anotou o seu voto, em vez de Kung (pseudônimo de Leminski), indicou outro — que por azar existia. Esse outro assinava um conto ilegível, e nós quatro concordamos que não podíamos ser ele. Tentou-se ainda um contato com Leo, por insistência minha, porque desejava que Kung figurasse entre os cinco pelo menos — uma vez que o futuro vencedor do primeiro concurso do Paraná, Dalton Trevisan, já estava com três ratos (incluído o meu), e não podia ser alcançado.

Guardei minha cópia de Descartes durante anos, até que em 1975 recebi o Catatau. Eu sempre imaginava que o autor do conto devia ser um pernambucano como eu, porque a peça era de um típico mauricianista — daqueles que até hoje guardam uma espécie de nostalgia de um Pernambuco holandês, e chamam Recife de Cida-de Maurício ou Maurícia.

Descartes sem lentes, levemente modificada, constitui o capítulo inicial de Catatau.

Hoje não estou bem certo se Paulo Leminski gostou de minha carta, se a recebeu. Pode ter parecido um tardio prêmio de consolidação ou, pior ainda, uma impertinente crítica, por identificar num romance um antigo conto. É difícil prever qual teria sido o destino de Catatau se Descartes sem lentes ganhasse e houvesse figurado na antologia que depois se lançou do Primeiro Concurso de Contos. Esse concurso teve uma projeção nacional extraordinária, marcando em definitivo a imagem de seus vencedores. Pessoalmente, eu teria preferido que ele figurasse entre os finalistas, porque isso não impediria a eclosão do romance, que a essa altura já devia estar com suas linhas traçadas.

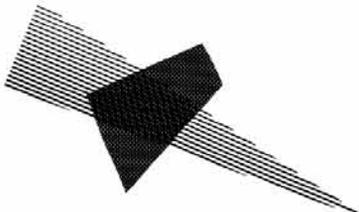
Agora uma ressalva: jamais conversei com o Leo Gilson Ribeiro sobre o resultado desse concurso, nem tive confirmação de que seu voto fora mesmo para Kung. Nem é de esperar que, mais de vinte anos depois, ele se lembre dos concorrentes. Eu me lembro porque a história me interessou de perto e porque conversei comigo uma vigia. No entanto, a nota extremamente elogiosa com que ele, em *Nicolau* 25 dá sua opinião crítica a respeito de Catatau, me fez ter que estar certo.

Diz o compositor popular: me dê as flores em vida... Escrevendo a Leminski, bem ou mal, foi o que tentei fazer. Quando saiu o romance, fiz um registro fotorráfico no espaço de que dispunha. Sempre mechi que o título, demasiado irreverente, não fazia justiça à seriedade do texto e às suas qualidades.

Mas ele era o autor, devia ter lá suas razões.

Fausto Cunha - Rio de Janeiro - RJ

As cartas dirigidas ao *Nicolau* poderão, por clareza e espaço, ser editadas resumidamente. ESCREVA, OPINE, SUGIRA, Rua Ébano Pereira 240 80.410 Curitiba Paraná



É sempre uma alegria receber o *Nicolau* e pensar: Hoje vou ter coisas boas para ler.

Henato José Costa Pacheco, Vitória - ES.

Solicitamos o recebimento de uma coleção do *Nicolau*, pois o jornal traz bons artigos publicados e despertou grande interesse nos usuários deste campus, especialmente dos cursos de Línguas e Literatura.

Marinalva Lopes Freitas Maia, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de São José do Rio Preto - SP.

unesp



O jornal *Nicolau* está sendo muito apreciado pelo Setor Cultural desta Embaixada. Agradeceria o envio regular de cinco exemplares do jornal, para serem distribuídos às instituições e centros culturais de Angola, o que contribuirá para ampliar as informações sobre o Brasil.

João Solano Carneiro da Cunha, Chefe do Setor Cultural da Embaixada do Brasil em Luanda - Angola.

A imprensa alternativa tem mais compromisso com a cultura e sua divulgação do que possa parecer. É através de jornais como *O Galo*, *Nicolau*, *Verve* e outros que a literatura escapa das garras das cifras e respira com mais lirismo e coragem.

Marcin Dore, Rio de Janeiro - RJ.

*Nicolau* cada vez melhor, mais atraente, mais informativo, mais dinâmico. É ir para a frente. Meus parabéns à sua equipe.

Paschoal Motta, Editor do Suplemento Literário de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG.

## Suplemento Literário

Publicação do MINAS GERAIS  
Órgão Oficial dos Poderes do Estado

A cada número do *Nicolau* sinto reafirmada minha fé no valente disposição do governo do Paraná em promover a democracia. Mais do que um periódico qualquer, *Nicolau* é um trabalho de autor, de editoria competente. Adorei, especialmente, *Nicolau* 25 — sincera e bonita homenagem ao poeta Paulo Leminski.

Ilson M. Rodrigues, Cambé - PR.

O reconhecimento de Uilson Pereira ao Orwelhas Negras, em artigo publicado no *Nicolau* 25 (seção *Resenha*), veio consolidar nosso jornal entre os que representam criação/qualidade na produção nacional. *Nicolau* é, de fato, o melhor veículo de divulgação da produção cultural do País.

Mário Almeida, Editor do jornal Orwelhas Negras, Belo Horizonte - MG.

Gostaria de parabenizá-los pelas excelentes matérias publicadas nos números 24 e 25 do *Nicolau*, especialmente o artigo de Rodrigo Garcia Lopes, sobre Leminski e sua poesia. Lecionando Literatura no curso de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte, tenho divulgado o *Nicolau* entre os meus alunos.

Maria Antonieta Pereira, Belo Horizonte - MG.

O jornal *O Galo* parabeniza o jornal *Nicolau* pelo seu segundo aniversário e reconhece que este periódico é da maior importância para as artes e a cultura deste país macunaimico, quase sem sorte. Sem mágoas, o trabalho de vocês reafirma a necessidade de descentralizar e desmistificar o eixo Rio/São Paulo.

Marise Castro, Editora de *O Galo*, Natal - RN.

# O GALO

A fim de eu poder melhor divulgar a literatura e língua luso-brasileiras, tenho lhe pedir a gentileza de nos inserir em sua lista dos que recebem o ótimo *Nicolau*.

Malcolm Silverman, San Diego State University - U.S.A.

Agradecemos o envio de um número do jornal *Nicolau*. Sendo um centro de estudos latino-americanos tanto no campo da literatura como no da história, teríamos muito interesse em receber a publicação regularmente. Assim, poderíamos difundir-la entre pessoas do âmbito acadêmico de Varsóvia.

Freud Miękiewicz, Universidade de Varsóvia - Varsóvia - Polónia.



## ROMANCE: CONCURSO

Estão abertas, até o dia 31 de maio do próximo ano, as inscrições para o I Concurso Nacional de Romance 1989, que premiará as três melhores obras de autores nascidos ou residentes no país. A temática é livre, e os trabalhos, inéditos, devem ser encaminhados a Secretária da Cultura, Rua Ébano Pereira, 240 — CEP 80410, com um mínimo de 80 laudas, datilografadas em quatro vias.

## MUSEU DA JUSTIÇA

Primeiro a ser criado no Brasil, o Museu da Justiça comemora seus 15 anos com uma homenagem a seu idealizador, o desembargador Edmundo Mercer Júnior (1908 — 1974), ex-presidente do Judiciário paranaense. A mostra apresenta centenas de peças do acervo de Mercer Júnior, entre elas livros, processos, fotos, objetos de uso pessoal e de indumentária e faz parte das comemorações do Centenário da República, organizadas pelo presidente do Tribunal de Justiça, Abraão Miguel.

## SALÃO PARANAENSE

Um dos principais marcos da história das artes plásticas no Brasil, abre no dia 19 de dezembro o 46º Salão Paranaense, no Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC). Criado no final da década de 30 e realizado à nível nacional a partir de 1951, este ano a mostra terá a apresentação de obras artísticas com formas de linguagem diversas, desde as clássicas até as contemporâneas, como vídeo, fotografia e holografia, entre outras.

## BIENAL DO DESIGN

A produção gráfica e industrial do design brasileiro agora tem hora e vez no cenário de cultura nacional: a partir de 1990, Curitiba vai sediar a I Bienal Brasileira do Design. A exposição será estruturada em duas séries: projeto e produto. Maiores informações pelo fone (041) 225-7117, ramal 51 ou via carta, para a Bienal Brasileira do Design, Coordenadoria de Museus — Secretaria da Cultura, Alameda Dr. Muricy, 915 — CEP 80.020 — Curitiba — PR.

# R E S E N H A

## O NOSSO MATE

Não é das mais pobres a nossa bibliografia sobre o mate. Por se tratar da obra maior (na extensão e na importância), a referência indispensável recai na *História Econômica do Mate*, de Temístocles Linhares (Coleção *Documentos Brasileiros*, Livraria José Olympio Ed., RJ-1969), que praticamente esgota os ângulos de abordagem do assunto ao longo de mais de 500 páginas.

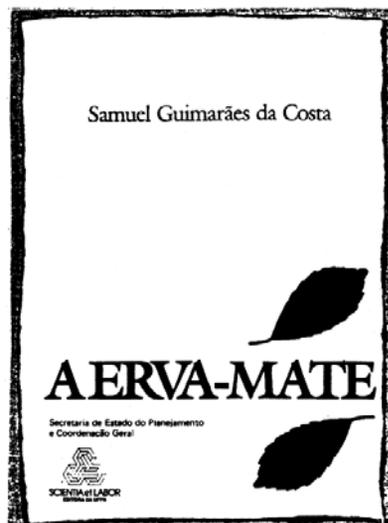
Sempre é possível, no entanto, uma perspectiva nova. É a que traz o jornalista Samuel Guimarães da Costa (que já havia publicado *A Economia Ervateira*, em 1958) na recém-editada monografia *A Erva-Mate* (Scientia et Labor, Curitiba, 1989).

Trata-se de uma nova e oportuna síntese de informações e interpretações acerca do ciclo erivateiro no Paraná. O enfoque de Samuel não é apenas rico em material histórico. Também consta de sua visão o futuro do mate, que poderá se ampliar — opina o autor — caso se desloque da exportação para o mercado interno, potencialmente maior do que o externo. Outra condição necessária seria adensar os ervais nativos, no seu habitat natural e insubstituível.

Samuel narra o ciclo do mate: sua chegada, apogeu e declínio, mas acentua que o processo pode ser reativado, já que *o Brasil é um grande mercado ainda ignorado, capaz de possibilitar importante renda adicional aos agricultores e proprietários rurais das regiões Centro e Sul do Paraná*. Nessa hipótese, o mate passaria a ser a "erva da esperança", bem melhor do que "erva do diabo", como, em certa época (tendo em vista supostas propriedades afrodisíacas), chegou a ser denominado pelos jesuítas, preocupadíssimos com o "vício" dos guaranis, que acabou se transformando em bebida civilizada. (E haja chaleira, cuia e bomba... ou simples copo para o solúvel.)

Hélio de Freitas Puglielli

**A ERVA-MATE** — Samuel Guimarães da Costa — Curitiba  
Scientia et Labor, 1989, 86 páginas.



O número 1, que teve sua primeira edição esgotada em algumas semanas, traz como introdução o dossiê Revolução Francesa, reunindo artigos e ensaios de Milton Meira do Nascimento, Renato Janine Ribeiro, Roberto Romano, Ricardo Terra e Luiz Costa Lima, que aprofundam e ampliam a temática. Seguem-se textos do e sobre o poeta francês Francis Ponge, estudos de João Alexandre Barbosa sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e de Aleksandar Jovanović sobre o *Dicionário Kazar*, o romance-enciclopédia de Milorad Pavić, além de artigos de Jacó Guinsburg, Irlemar Chiampi, Francisco Achear e outros.

Os quatro artigos iniciais do segundo número da *Revista USP* compõem o dossiê Tempo, a propósito, em parte, do recente sucesso do livro *Uma Breve História do Tempo*, de Stephen Hawking. Os três primeiros discutem o tempo na ciência — física, biologia e neurologia — e, no último, o professor Décio de Almeida Prado, com bom humor, paixão e perspicácia, escreve um texto sobre o tempo (e o espaço) no futebol! Um conto de Aurélio Buarque de Holanda e depoimentos de Paulo Rónai, Léo Ivo e Otto Lara Resende lembram e homenageiam o grande dicionarista. O poema de Khlébnikov, na tradução criativa de Haroldo de Campos *Eis-me levado em dorso elefantino...*, é objeto de análise do semiólogo russo Ivanov. Esse poema é apresentado no original russo, numa transliteração feita por Aleksandar Jovanović, na tradução francesa de Isabelle Koltitcheff e na transcrição de Haroldo, que comenta ainda o estudo de Ivanov. O cineasta Eisenstein, em tradução direta do russo de Paulo Peres, analisa um fragmento da novela *O capote*, de Gógol, buscando prováveis correspondências entre linguagem cinematográfica e linguagem literária. *A roda do quarto e da vida*, um pequeno e encantador artigo de Antonio Cândido, prelúdio, quem sabe, de um estudo mais longo, insinua uma influência de Xavier de Maistre, obscuro escritor francês, sobre a "virada narrativa" de Machado de Assis a partir de *Brás Cubas*. Na seção dedicada a livros, onde artigos densos analisam autores e obras, Jerusa Pires Ferreira escreve sobre a poética do mito em Mieleitinski, registrando a contribuição do folclorista e teórico da literatura soviético à mitologia, literatura e cultura popular, enquanto Flora Süssekind comenta, numa "viagem textual", autor por autor, a obra de seis poetas brasileiros contemporâneos, lançados recentemente pela coleção *Claro Enigma*. Gershom Scholem, Frithjof Rodi, Ana Mae Barbosa, Olgaria Matos, Berta Sichel, Nilce Sant'Anna Martins e Horácio Costa respondem pelos demais textos.

O lançamento dos dois primeiros números da *Revista USP*, com seu ecletismo programático, acolhendo intelectuais e linhas de pensamento muitas vezes divergentes, manifesta uma nova mentalidade frente à produção e difusão do conhecimento e deixa entrever um novo tempo para as publicações editadas no meio universitário.

Sônia Maria de Amorim

**REVISTA USP** — São Paulo. Coordenadoria de Atividades Culturais da Universidade de São Paulo. Número 1 (março - maio/89), 132 páginas. Número 2 (junho - agosto/89), 192 páginas.



hidrográfica: rogerio dias

### LUNAR LOWRY

Súlfur que a demônio fede  
de labaredas e apocalipses  
envolve a tela.  
O nitrato que corrói asilos,  
e o negro do blues.  
Álcool e potássio: improvável  
luar.  
A criança restou.

### PARCO ABSTRATO

O quadrado alguma vez  
compôs um vero contorno?  
O círculo algum dia  
traçou um real símile?  
O triângulo quiçá  
estabeleceu alguma rota?

De sonho a mais simples  
geometria é a mais pura  
confeção.

De sonho porventura  
será nalgum futuro  
a contrafação?

### ELIOT EM SONHO

Ilustre silente,  
seguro no mastro, no leme  
— temente do lastro distante

Lembrar-se-ia de Flebas  
e desejaria digna morte.

Mas agora — o sol  
cega, as mãos tremem  
por sua covardia noturna.

### MATÉRIA

O que é distribuir pontos no espaço?  
Alinhavar a peça, coroar com o compasso  
a circunferência vazia,  
estaquear o terreno, nomear  
constelações improváveis de dia?  
Verter o líquido a mais, cotizar  
a vida em colherinhas banais:

Ou aliviar o espaço, tirar seu excesso?

A trança de luz quase atravessa  
tudo — se tiver uma brecha,  
uma fenda, uma fresta — uma chance,  
em suma. Algum ponto no espaço.